

**FUNDAÇÃO INSTITUTO CAPIXABA DE PESQUISA EM
CONTABILIDADE, ECONOMIA E FINANÇAS – FUCAPE**

ELCY MILITÃO DA SILVA

**A FORMAÇÃO E O PERFIL DOS EGRESSOS DOS CURSOS
DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS DO MUNICÍPIO DE VITÓRIA**

VITÓRIA

2004

ELCY MILITÃO DA SILVA

**A FORMAÇÃO E O PERFIL DOS EGRESSOS DOS CURSOS
DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS DO MUNICÍPIO DE VITÓRIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Contábeis da Fundação Instituto Capixaba de Pesquisas em Contabilidade, Economia e Finanças (FUCAPE), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências Contábeis – nível profissionalizante.

Orientador: Dr. Antonio Donizetti Sgarbi

VITÓRIA

2004

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pelo Setor de Processamento Técnico da Biblioteca da FUCAPE

Silva, Elcy Militão da.

A Formação e o perfil dos egressos dos cursos de Ciências Contábeis do município de Vitória. / Elcy Militão da Silva. Vitória : FUCAPE, 2004.

119 p.

Dissertação – Mestrado.

Inclui bibliografia.

1.Contabilidade 2.Evolução da contabilidade 3.Ensino de contabilidade 4.Perfil dos egressos I.Fundação Instituto Capixaba de Pesquisas em Contabilidade, Economia e Finanças II.Título.

CDD - 657

**Dedico este trabalho à minha esposa
Irinéia e ao meu filho João Vitor.**

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, a quem devo tudo que sou e para quem sou imensamente grato, sendo somente Ele merecedor de toda glória (Fp. 4:20, Bíblia Sagrada).

À minha esposa e a meu filho, que abriram mão de muitas horas de minha presença, para que eu pudesse dedicar tempo a este estudo.

Ao meu orientador, professor Dr. Antônio Donizetti Sgarbi, pela paciência e dedicação.

Aos egressos do curso de Ciências Contábeis, sem os quais este trabalho não seria possível.

Aos colegas da primeira turma do Mestrado Profissionalizante em Contabilidade com Concentração em Finanças, realizado pela FUCAPE, pelo rico convívio dos meses em que cursamos disciplinas juntos e que, direta ou indiretamente ajudaram a tornar possível a realização do curso de mestrado e a elaboração deste trabalho. A todos, sou muito grato.

Ao Conselho Federal de Contabilidade e Conselho Regional de Contabilidade do Estado do Espírito Santo, pela disponibilização de dados.

À Fucape – Fundação Instituto Capixaba de Pesquisas em Contabilidade, Economia e Finanças –, pela disponibilização de material.

Aos meus professores, que sempre procuraram transmitir incentivo e estímulo, sendo exemplo de luta em prol do crescimento da pesquisa contábil.

RESUMO

As faculdades formam, anualmente, considerável número de bacharéis em Ciências Contábeis sem se preocupar com o destino desses formandos, uma vez que, ao se desligarem das faculdades, não há um acompanhamento para saber onde e como estão esses profissionais. Esta pesquisa preocupou-se em desenvolver um trabalho científico que venha fornecer subsídios para saber onde e como estão se inserindo no mercado de trabalho os egressos do curso de Ciências Contábeis oferecido pelas faculdades do município de Vitória. Atualmente, no estado do Espírito Santo, o curso é oferecido por 24 Instituições de Ensino Superior (IES) e grande parte delas ainda não colocou seus formandos no mercado de trabalho, por serem seus cursos, ainda recentes. É incontestável a importância de se saber quais são as dificuldades enfrentadas pelos formandos, para que, a partir dessas observações, possam ser oferecidas sugestões com o intuito de aproximar a formação acadêmica oferecida pelas instituições à necessidade do campo profissional. Foi realizada uma pesquisa de campo com os egressos dos cursos de Ciências Contábeis do município de Vitória, em que se verificaram significativas diferenças entre o perfil dos egressos da UFES e dos egressos de outras instituições; constatou-se, ainda, que as IES não estão formando profissionais com o perfil desejado. Observou-se que há um bom nível de satisfação com a profissão, no entanto uma boa parcela dos egressos manifestou interesse em mudar de profissão, por considerar insatisfatória a remuneração. Algumas sugestões são oferecidas. Dentre elas, o estágio ser reformulado e tornar-se obrigatório e o Conselho da Classe adotar o Exame de Competência.

ABSTRACT

A considerable number of BA in Accounts graduate from Colleges every year. These institutions have no concern over the professionals' destiny once they leave college. There is no follow up to know where and how they are. This research is concerned with the development of a scientific work that brings subsidies to know where and how these graduate students from the Colleges in Vitoria are being received by the market. Currently in the State of Espírito Santo 24 Institutions of Graduate Studies offer the course and most of them are not old enough to have graduated any groups. It is important to notice which are the difficulties faced by the graduate students so as to, from these observations, offer solutions to adapt the syllabus of the course to the needs of the market. A field research with the students of the Accounting Courses in Vitória showed that there are significant differences between the profile of the students from UFES and those from other institutions and that the Institutions of Graduate Studies are not graduating students with the adequate profile. Although there is a good level of satisfaction with the profession, a considerable part of the professionals showed interest in changing careers for considering the remuneration inadequate. Some suggestions are offered such as a reformulation of the trainee program making it mandatory, and the class entity should adopt some measures to improve the teaching quality and the valuing of the profession.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Principais diferenças entre currículo mínimo e Diretrizes Curriculares Nacionais.....	38
Tabela 2: Quantidade de egressos por instituição.....	47
Tabela 3: Tamanho da amostra por IES.....	49
Tabela 4: Cálculo do índice de sistematização para cada IES.....	51
Tabela 5: Egressos que responderam ao questionário — por instituição.....	53
Tabela 6: Egressos — por instituição e sexo.....	57
Tabela 7: Egressos — por ano de formatura.....	58
Tabela 8: Participação em associações de classe (em %)......	59
Tabela 9: Formação básica de egressos.....	60
Tabela 10: Tempo gasto para concluir o curso.....	62
Tabela 11: Turno em que freqüentaram durante o curso.....	63
Tabela 12: Motivo pela escolha do curso.....	63
Tabela 13: Faixa etária de conclusão de curso.....	64
Tabela 14: Índice de reprovação nas disciplinas.....	65
Tabela 15: Pós-Graduação (cursaram/cursam).....	66
Tabela 16: Cursos que pretende fazer.....	67
Tabela 17: Dificuldades vivenciadas no estágio.....	68
Tabela 18: Principal acontecimento com a conclusão do curso de graduação....	69
Tabela 19: Nível de renda mensal.....	74
Tabela 20: Relação de trabalho na ocupação atual.....	75
Tabela 21: Grau de satisfação com a profissão.....	79
Tabela 22: Razões para mudança de profissão.....	79
Tabela 23: Dificuldades vivenciadas na realização do curso	81
Tabela 24: Principal mudança que o curso proporcionou à vida profissional.....	82

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Egressos – por estado civil.....	58
Figura 2: Egressos que concluíram outro curso de graduação.....	66
Figura 3: Tempo que levou para se colocar no mercado após a conclusão do curso.....	73
Figura 4: Razões pelas quais não buscou colocação no mercado.....	71
Figura 5: Nível de preparo para ingressar no mercado de trabalho após a formatura.....	72
Figura 6: Tipo de moradia dos egressos.....	73
Figura 7: Ocupação atual dos egressos.....	75
Figura 8: Tempo em que os egressos estão na ocupação atual.....	76
Figura 9: Natureza jurídica das empresas que empregam os egressos.....	77
Figura 10: Ramo de atividade das empresas que empregam os egressos.....	78
Figura 11: Carga horária média de trabalho diária dos egressos.....	78
Figura 12: Razões para não mudar de profissão.....	80
Figura 13: Jornais lidos diariamente pelos egressos.....	83
Figura 14: Revistas lidas periodicamente pelos egressos.....	84
Figura 15: Preferência por emissora de TV dos egressos.....	84
Figura 16: Religião de que os egressos participam.....	85

LISTA DE APÊNDICES

APÊNDICE A – Quantidade de técnicos e contadores registrados no Conselho Regional de Contabilidade do estado do Espírito Santo.....	95
APÊNDICE B – Cursos de Ciências Contábeis no estado do Espírito Santo.....	96
APÊNDICE C – Evolução da quantidade de cursos de Ciências Contábeis no estado do Espírito Santo.....	98
APÊNDICE D – Modelo de correspondência enviada às instituições de ensino...	99
APÊNDICE E – Modelo de correspondência enviada aos egressos.....	100
APÊNDICE F – Questionário.....	101

LISTA DE ANEXOS

ANEXO A – Distribuição de técnicos, contadores e organizações Contábeis no Brasil.....	107
ANEXO B – Grade Curricular do Curso de Ciências Contábeis da UFES (2001/2).....	108
ANEXO C – Grade Curricular do Curso de Ciências Contábeis da FAESA (2001).....	109
ANEXO D – Diretrizes Curriculares do curso de Ciências Contábeis.....	110

LISTA DE SIGLAS

CFC – Conselho Federal de Contabilidade
CVM – Comissão de Valores Mobiliários
CFE – Conselho Federal de Educação
CRC – Conselho Regional de Contabilidade
FACC – Faculdade de Ciências Contábeis de Guarapari
FACHA – Faculdade de Ciências Humanas de Aracruz
FAESA – Faculdades Integradas Espírito-santenses
FAVI – Faculdade Vitoriana de Ciências Contábeis
FASSERRA – Instituto de Ensino Superior Blauro Cardoso de Mattos
FCHV – Faculdade de Ciências Humanas de Vitória
FCMV – Faculdade Candido Mendes de Vitória
FEA – Faculdade de Economia Administração e Contabilidade
FESAV – Faculdade de Estudos Sociais Aplicados de Viana
FICAB – Faculdades Integradas Castelo Branco
FINAC – Faculdade Nacional
FVC – Faculdade Vale do Cricaré
IES – Instituição de Ensino Superior
INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
ISEAC – Faculdade de Ciências Contábeis de Afonso Cláudio
LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação
MEC – Ministério da Educação e Cultura
PIO XII – Faculdade de Estudos Sociais do Espírito Santo
SBT – Sistema Brasileiro de Televisão
UFES – Universidade Federal do Espírito Santo
USP – Universidade de São Paulo
UVV – Centro Universitário de Vila Velha
UNAMA – Universidade da Amazônia
UNESC – Centro Universitário do Espírito Santo

UNIEST – Faculdade de Cariacica

UNILINHARES – Faculdade de Ciências Aplicadas Sagrado Coração

UNIVEN – Faculdade Capixaba de Nova Venécia

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
1.1 CONTEXTO	15
1.2 CARACTERIZAÇÃO DO PROBLEMA	17
1.3 OBJETIVOS DA PESQUISA	18
1.3.1 Objetivo geral	18
1.3.2 Objetivos específicos	18
1.4 JUSTIFICATIVAS	19
1.4.1 Diversidade de funções	21
1.4.2 Quantidade de cursos	22
1.4.3 Resolução 03/92 — CFE	22
1.4.4 Lei nº 9.394/96 — Nova LDB	23
1.4.5 Sugestão de Dissertação de Mestrado da FEA/ USP	24
1.4.6 Carência de pesquisa	24
2 REVISÃO DA LITERATURA	26
2.1 A EVOLUÇÃO DA CONTABILIDADE NO MUNDO	26

2.2 A EVOLUÇÃO DA CONTABILIDADE NO BRASIL.....	28
2.3 O ENSINO SUPERIOR DE CONTABILIDADE NO BRASIL.....	30
2.3.1. O Exame de Suficiência.....	34
2.3.2. O Exame Nacional de Cursos.....	35
2.3.3 O SINAES.....	37
2.3.4 As Diretrizes Curriculares.....	38
2.3.5 A pós-graduação em Contabilidade no Brasil.....	40
2.4 O ENSINO SUPERIOR DE CONTABILIDADE NO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO.....	42
3 METODOLOGIA.....	44
3.1 TIPOS DE PESQUISA.....	44
3.2 DELIMITAÇÃO DA PESQUISA.....	46
3.3 COLETA DE DADOS PRIMÁRIOS.....	46
3.4 PLANO AMOSTRAL.....	47
3.5 COLETA DE DADOS SECUNDÁRIOS.....	50
4 ANÁLISE DOS DADOS.....	54
4.1 INSTITUIÇÕES PESQUISADAS.....	54
4.1.1 UFES.....	55

4.1.2 FCHV.....	55
4.1.3 FAESA.....	56
4. 2 ORGANIZAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS.....	57
4.2.1 Característica das amostras por instituição, sexo, estado civil e ano de formatura.....	57
4.2.2 Participação em entidades de classe.....	59
4.2.3 Formação básica.....	60
4.2.4 Formação acadêmica.....	61
4.2.5 Ocupação durante o curso de graduação.....	68
4.2.6 Ocupação ao final do curso de graduação.....	69
4.2.7 Nível socioeconômico	73
4.2.8 Ocupação atual.....	74
4.2.9 Avaliação do curso.....	80
4.2.10 Outras informações sobre os egressos.....	83
5 CONCLUSÃO.....	86
REFERÊNCIAS.....	91
APÊNDICES.....	95
ANEXOS.....	107

Capítulo 1

1 INTRODUÇÃO

1.1 CONTEXTO

No município de Vitória, existem oito Instituições de Ensino Superior (IES) que oferecem o curso de Ciências Contábeis, lançando no mercado, anualmente, uma quantidade significativa de profissionais que, preparados ou não, partem para enfrentar os desafios da profissão, dispersando-se para regiões de diferentes localizações, condições econômicas, culturais e também profissionais, uma vez que, muitos deles, não exercem a profissão contábil.

Trata-se este estudo de um instrumento de cunho científico, que auxiliará nas discussões que o curso de Ciências Contábeis, regulamentado no Brasil em 1945, tem sido alvo por parte de órgãos de classe, empresários, profissionais, professores, estudantes, instituições governamentais etc. O foco principal dessas discussões tem sido a qualidade dos serviços que estão sendo prestados pelos profissionais formados por essas instituições.

Esforços em prol da melhoria do ensino superior de Contabilidade têm sido intensificados, como o currículo mínimo aprovado pelo extinto Conselho Federal de Educação (CFE) por meio da Resolução nº 03/92 (BRASIL,1992), cuja elaboração contou com a participação do Conselho Federal de Contabilidade (CFC).

O ensino superior vive um momento de transição no qual a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) — Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 —, (BRASIL, 1996), determina que as instituições de ensino superior devem ter um terço do corpo docente, pelo menos, com titulação acadêmica de mestre ou doutor. Esse fato faz com que as IES busquem, no mercado, profissionais titulados ou incentivem os componentes de seus quadros a frequentarem um curso que ofereça essa titulação. No processo de avaliação que o Ministério da Educação (MEC) impõe às IES, atribui-se maior pontuação quanto melhor for a titulação acadêmica de seu corpo docente.

O CFC tem estimulado, por meio de convênio com IES, a criação de diversos cursos com vistas à formação de mestres em Contabilidade. Em pesquisa desenvolvida em nível nacional, detectou-se a existência de mais de 400 cursos em funcionamento e de apenas 300 mestres e 80 doutores em Contabilidade em sala de aula. “Até o ano de 2005, deverão existir, no País, pelo menos, 400 professores com curso de mestrado, conforme exigência da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB)”. (CFC, 2002, p. 4).

Outra novidade trazida pela LDB foi o fim do currículo mínimo obrigatório para os cursos de graduação. Com a publicação das novas diretrizes para o curso de Ciências Contábeis, que ocorreu em 03 de abril de 2002, as instituições que oferecem o curso de Ciências Contábeis devem constar em seus projetos pedagógicos, além do perfil do profissional que deseja formar, quais as competências e habilidades que eles devem possuir, conforme mencionado na Lei: “[...] as competências intelectuais que reflitam a heterogeneidade das

demandas sociais” (BRASIL, 1996).

As deficiências existentes na formação acadêmica dos cursos oferecidos pelas IES são reveladas na prática — no mercado de trabalho — onde o recém-formado precisará demonstrar o aprendizado adquirido em sua vivência acadêmica. Obviamente, é nesse momento que as lacunas existentes em função de diferentes fatores serão evidenciadas. Essa é uma das razões que demonstra a importância de se conhecer o perfil dos egressos dos cursos de Ciências Contábeis, pois só assim será possível oferecer sugestões que melhor possam adequar a vida acadêmica com a vida profissional do formado.

Diante do exposto, a pesquisa buscou identificar como estão se inserindo no mercado os egressos dos cursos de Ciências Contábeis do município de Vitória, além de buscar informações que possibilitem traçar o perfil desses egressos.

1.2 CARACTERIZAÇÃO DO PROBLEMA

O foco da pesquisa concentrar-se-á em identificar características e atitudes dos egressos dos cursos de Ciências Contábeis, as percepções deles em relação ao ensino e as contribuições da formação acadêmica para a vida profissional do graduado.

Infere-se que a formação acadêmica esteja relacionada à vida profissional

de seus egressos a partir da observação de alguns fatores que são comuns a esse curso, como a falta do estágio obrigatório, a conciliação entre trabalho e estudo, a falta de professores qualificados, a predominância do período noturno do curso, dentre outros, e que culminam em impactos na sua formação.

A partir dessas observações, surgiram então alguns questionamentos:

1. Qual o perfil socioeconômico-cultural dos egressos do curso de Ciências Contábeis do município de Vitória?
2. Qual a relação dos egressos com a educação continuada?

1.3 OBJETIVOS DA PESQUISA

1.3.1 Objetivo geral

O objetivo geral da pesquisa é obter elementos a partir de observações junto aos egressos dos cursos de Ciências Contábeis do município de Vitória, que contribuam para a análise e avaliação do seu perfil e para propor sugestões e caminhos a serem trilhados no sentido de melhoria do ensino e obtenção de melhores resultados.

Em termos gerais, pretende-se averiguar aspectos relacionados à formação e inserção no mercado de trabalho dos bacharéis em Ciências Contábeis graduados no município de Vitória.

1.3.2 Objetivos específicos

Especificamente, pretende-se:

- 1 Identificar as dificuldades de realização do curso e a sua importância para a vida profissional e pessoal;
- 2 Conhecer a relação dos formados com a educação continuada;
- 3 Identificar características e atitudes do egresso do curso de Ciências Contábeis;

Finalmente, a pesquisa pretende servir de estímulo e subsídio à produção de outras pesquisas dessa natureza.

1.4 JUSTIFICATIVAS

Ao submeterem os projetos de seus cursos para apreciação do MEC, as IES traçam o perfil do profissional que desejam formar, suas habilidades e competências.

Importante se faz conhecer o perfil dos egressos que estão sendo formados, para que as IES verifiquem se realmente estão formando profissionais

com o perfil no qual se propuseram.

A porcentagem de contadores em relação à de técnicos em Contabilidade aumentou consideravelmente no período pesquisado, 1996 a 2000. A Tabela constante no Apêndice A mostra que, no início de 1996, 38,97% dos profissionais registrados no CRC/ES eram contadores, enquanto que, em 2000, esse número passou para 45,46%.

Constata-se, ainda que o número de técnicos, que era de 3.772 em 1996, caiu para 3.703 em 2000, representando uma queda de 1,83 por cento, enquanto que o número de contadores, nesse mesmo período, aumentou de 2.409 para 3.086, representando um crescimento na ordem de 28,10%, conforme destacado no Apêndice A.

Esses números mostram que os profissionais da área contábil estão procurando cada vez mais o curso superior, seja pelos técnicos que estão buscando a graduação, seja pela preferência ao curso superior ao invés do nível médio, ou ainda porque o mercado não está mais interessado em recrutar técnicos.

Segundo Ludícibus e Marion (*apud* NOSSA, 1999, p. 2), a educação, de maneira geral, passa por um período crítico, culminando em deficiências na formação acadêmica de vários cursos. No curso de Ciências Contábeis, a realidade não é diferente.

Oliveira (1995) menciona que as deficiências existentes na formação

acadêmica são fatores que interferem no processo ensino-aprendizagem e causam impacto na característica dos egressos dos cursos. Por isso, é importante analisar o perfil desses egressos para que, a partir dessa análise, possam surgir sugestões de quem vivenciou o ensino e a prática para contribuir com a melhoria do curso.

Segundo Dutra (2001, p. 59), existe um abismo entre o ensino teórico e a prática contábil, pois o conteúdo da educação profissional dos contadores é inadequado para os futuros profissionais. “Apesar de já conhecermos esse abismo, pouco foi desenvolvido para quantificar e identificar as diferenças entre acadêmicos e práticos”.

As razões elencadas a seguir demonstram a importância de um trabalho desta natureza:

- 1 Diversidade de funções
- 2 Quantidade de cursos
- 3 Resolução 03/92 – CFE
- 4 Lei nº 9.394/96 – LDB
- 5 Sugestão de Dissertação de mestrado da FEA/USP (OLIVEIRA, 1995)
- 6 Carência de pesquisa

1.4.1 Diversidade de funções

De acordo com Marion (1998, p. 31), o campo de atuação para o formado de nível superior em Contabilidade é muito vasto. Existem, pelo menos, 16 opções de funções para o bacharel em Ciências Contábeis exercer sua profissão:

- a) Contador Geral
- b) Contador de Custos
- c) *Controller*
- d) Subcontador
- e) Contador Fiscal
- f) Auditor (interno ou externo)
- g) Consultor
- h) Escritório de Contabilidade
- i) Perito Contábil
- j) Professor
- k) Pesquisador
- l) Escritor
- m) Contador público
- n) Fiscal de Tributos
- o) Controlador de Arrecadação
- p) Analista financeiro

Além da variedade de funções, há também diferentes condições nas quais ele pode atuar, conforme destaca Robles Jr. e Marion (1998, p. 65):

O currículo do curso de Ciências Contábeis deverá prever ainda as diversas condições que o profissional contábil poderá exercer as suas atividades, ou seja: na condição de profissional liberal (ou autônomo), de empregado regido pela CLT, de servidor público, de militar, de sócio de qualquer tipo de sociedade, de diretor ou de conselheiro de quaisquer entidades ou, em qualquer situação jurídica definida pela legislação.

Como se percebe, há uma diversidade de opções nas quais o graduado no curso de Ciências Contábeis pode atuar, constituindo uma das razões para se

fazer uma pesquisa dessa natureza.

1.4.2 Quantidade de cursos

Nos últimos anos, ocorreu um grande crescimento na quantidade de cursos superiores. No curso de Ciências Contábeis, essa realidade não foi diferente. Conforme demonstra o Apêndice C, em 1999, havia apenas 11 cursos no estado do Espírito Santo. Atualmente, somam-se 24 cursos de Ciências Contábeis neste Estado (Apêndice B), dos quais oito estão instalados na capital do Estado.

É importante saber como estão se inserindo no mercado os profissionais que se formam nesses cursos, para que as IES possam adaptar seus currículos à necessidade do mercado. Cabe ressaltar que nem todas as instituições estão conseguindo demanda para a quantidade de vagas autorizadas pelo MEC; com isso, algumas salas de aula estão com um número reduzido de alunos.

1.4.3 Resolução 03/92 — CFE

A relação dessa resolução com a escolha do tema é justificada pelo fato de que ela trouxe inovação para o ensino da Contabilidade, conforme destacam Robles Jr. e Marion (1998 p. 39): “Pode-se dizer que a Resolução 03/92 trouxe grande contribuição e aprimoramento para o ensino da Contabilidade no Brasil.

Apesar de algumas falhas serem indicadas, o saldo, a nosso ver, foi positivo”.

A partir do ano de 1996, os primeiros formados nessa nova estrutura curricular começaram a se inserir no mercado. É importante conhecer o perfil dos formados de um sistema de educação que passou por uma reformulação para avaliar seu impacto e até mesmo para comparar com o perfil de formados numa outra estrutura.

1.4.4 Lei nº 9.394/96 – LDB

Quatro anos depois de lançar diretrizes que mudaram radicalmente a estrutura dos cursos, o MEC altera novamente as diretrizes dos cursos de graduação com o lançamento do que foi conhecido como “Nova LDB”.

A grande diferença está no fim do currículo mínimo obrigatório, devendo cada instituição informar, no projeto pedagógico de seu curso, além do perfil, que habilidades e competências deve ter o profissional que irá formar.

O mercado encarrega-se de determinar o perfil e as habilidades do profissional que as IES deverão formar, além de sinalizar a necessidade de novos contadores, que fará com que essa necessidade seja suprida mediante a matrícula de novos alunos nos cursos de Ciências Contábeis.

Logo, as características de perfil, competências e as habilidades que o contador deve ter são aquelas determinadas pelo mercado.

Por isso, importante se faz verificar a inserção do formado no mercado de trabalho, uma vez que a experiência dos egressos que exercem plenamente a profissão revela as lacunas de formação frente às necessidades do mercado.

E, por meio dessas lacunas, sugestões poderão ser apontadas com o intuito de adequar a formação acadêmica à necessidade do mercado, servindo como referencial para que as IES estabeleçam o perfil, competências e habilidades do formado em seu projeto pedagógico, atendendo assim às exigências da Nova LDB, mediante uma realidade pesquisada cientificamente.

1.4.5 Sugestão de dissertação de mestrado da FEA/USP

Outra fonte de inspiração para a realização da pesquisa é um trabalho semelhante que foi realizado na cidade de Fortaleza como dissertação de mestrado na Faculdade de Economia e Administração da Universidade de São Paulo (FEA/USP) e uma das sugestões de pesquisa futura da autora foi que se desenvolvesse pesquisa semelhante em outras regiões, a fim de se detectar os problemas existentes e sugerir soluções para estes (OLIVEIRA, 1995).

1.4.6 Carência de pesquisa

Outro fator relevante à realização deste trabalho é que, na literatura, é possível verificar algumas abordagens relacionadas ao assunto, mas poucas que focam o Estado do Espírito Santo. Encontrou-se apenas uma pesquisa realizada por um aluno do curso de Especialização em Contabilidade Gerencial da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), que abordou o perfil dos egressos do curso de Ciências Contábeis que estão inscritos no Conselho Regional de Contabilidade do estado do Espírito Santo (CRC/ES) (SALLES, 2001).

Não há pesquisa alguma dessa natureza no estado do Espírito Santo, que aborde todos os egressos inscritos ou não no CRC/ES; isso incentivou o desenvolvimento da presente pesquisa.

Capítulo 2

2 REVISÃO DA LITERATURA

2.1 A EVOLUÇÃO DA CONTABILIDADE NO MUNDO

A Contabilidade é um sistema de informação que visa suprir necessidades dos diversos usuários a respeito da entidade, seu patrimônio e sua situação econômica, financeira e social. Segundo Ludícibus (2000, p. 30), a Contabilidade é tão antiga quanto o homem e sempre teve como objetivo mensurar a riqueza das entidades, mesmo quando de forma rudimentar.

Hendriksen e Van Breda (1999, p. 39) dizem que não há um inventor da Contabilidade e os primeiros vestígios da escrituração por partidas dobradas surgiram em centros de comércio no norte da Itália nos séculos XIII e XIV. O primeiro codificador da Contabilidade foi um frei franciscano chamado Luca Paccioli, que encerrou sua carreira lecionando matemática na Universidade de Roma. Em 1494, publicou um livro intitulado *Summa de arithmetica, geometria, proportioni et proportionalitá*, em que incluía uma seção sobre o sistema de escrituração por partidas dobradas, denominada *Particularis de Computis et Scripturis*, que descrevia o sistema de partidas dobradas e apresentava o raciocínio em que se baseavam os lançamentos contábeis. A publicação dessa

obra foi um fato muito importante e o mais marcante para a Contabilidade como ciência, pois o que havia até aquela data eram vestígios e fragmentos de sua existência.

Segundo Oliveira (1995, p.117), um marco que registrou o início da evolução da Contabilidade foi o surgimento da moeda, sendo necessário elaborar uma técnica para registrar as operações realizadas, que ficou conhecida como “método das partidas simples”, que se resumia na anotação dos direitos, das obrigações e dos bens que eram demonstrados num elenco de itens avaliados monetariamente.

De acordo com Schmidt (2000, p. 50), no período de 1494 a 1840, deu-se a consolidação do sistema contábil de partidas dobradas, com sua adoção e disseminação por todo mundo. Durante esse período, a Contabilidade viveu uma fase de pouco desenvolvimento, ficando conhecida como Idade da Estagnação Contábil.

Hendriksen e Van Breda (1999, p. 47) relatam que o surgimento da profissão contábil deu-se com o advento da Revolução Industrial e, em 1773, existiam 7 contadores. No início do século XIX, havia menos de 50 contadores públicos registrados na lista das principais cidades da Inglaterra e da Escócia e esses números cresceram rapidamente em consequência da aprovação da Lei das Companhias em 1844, que passou a exigir balanços aprovados por auditores.

Após esse período, Hendriksen e Van Breda (199, p. 55-61), relatam sobre a criação das principais entidades contábeis:

Em 1887, os profissionais americanos fundaram a Associação Americana de Contadores Públicos — *American Institute of Certified Public Accounts*.

Em 1957 iniciaram-se os movimentos que culminaram com a criação do APB — *Accounting Principles Boards* —, cujo objetivo era examinar as premissas Contábeis, a identificação dos melhores princípios e a formulação de novos métodos para orientar as empresas e os contadores profissionais.

Nos anos 70, houve a criação do FASB — *Financial Accounting Standard Board* — em substituição ao APB que assumiu prerrogativas de órgão legislativo, impondo normas restritivas.

2.2 A EVOLUÇÃO DA CONTABILIDADE NO BRASIL

No Brasil, a Escola Italiana influenciou, desde a época Imperial até bem pouco tempo, no estudo da Contabilidade, que evoluiu sob a influência das escolas que predominaram no mundo.

A Contabilidade brasileira pode ser dividida em dois estágios de desenvolvimento: antes e depois de 1964, e o que marca essa divisão é exatamente a mudança de influência da Escola Italiana para a Escola Norte-americana. Em 1964, o professor José da Costa Boucinhas introduziu um novo método de ensino da Contabilidade.

O professor Boucinhas adotou o método didático norte-americano, baseado no livro *Introductory Accounting*, de Finney & Miller. A partir dessa mudança de orientação didática, a influência dos autores italianos e das escolas de pensamento italianas foi sendo substituída pelos autores norte-americanos. (SCHMIDT, 2000, p.209).

Schmidt (2000, p. 206) relata que a primeira instituição a ensinar oficialmente a Contabilidade no País foi a Escola de Comércio Álvares Penteado,

criada em 20 de abril de 1902 com o nome de Escola Prática de Comércio; teve seus cursos de Guarda-Livros e de Perito-Contador reconhecidos pelo Decreto Federal nº 1.339, de 9 de janeiro de 1905. Dessa escola, destacaram-se vários autores com vasta produção literária, dentre eles: Francisco Dáuria e Frederico Hermann Júnior.

Schmidt (2000, p. 206-217) destaca ainda vários acontecimentos importantes que culminaram no desenvolvimento da Contabilidade no Brasil. Dentre eles:

1907 – é criada em São Paulo a *Escola de Comércio Mackenzie College* pelo advogado norte-americano John Mackenzie.

1919 – é criado o Instituto Paulista de Contabilidade por iniciativa de alguns formados da Álvares Penteado.

1931 – regulamentação da profissão de contador pelo Decreto nº 20.158.

1940 – instituição da primeira Lei das Sociedades por Ações pelo Decreto-Lei nº 2.627.

1942 – definição de lucro real e dos documentos e demonstrações Contábeis que deveriam fundamentar o Imposto de Renda.

1946 – criação da Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas da Universidade de São Paul, onde foi instituído o Curso de Ciências Contábeis e Atuariais.

1946 – criação do Conselho Federal e dos Conselhos Regionais de Contabilidade.

1964 – introdução do novo método de ensino da Contabilidade subsidiado em autores norte-americanos.

1965 – regulamentação do mercado de capitais e criação da figura do auditor independente.

1966 – defesa da tese de doutoramento do professor Sérgio de Iudícibus na FEA-USP.

1971- elaboração do livro Contabilidade Introdutória por professores da FEA-USP, que passou a ser adotado por quase todas as faculdades do Brasil.

1972 – defesa da tese de doutoramento na FEA-USP dos professores Stephen Charles Kanitz e Eliseu Martins.

1976 – criação da CVM e publicação da nova Lei das Sociedades por ações. Lei nº 6.404 de 15 de dezembro.

1981 – o Conselho Federal de Contabilidade emite Resolução disciplinando as Normas Brasileiras de Contabilidade.

1982 – apresentação da dissertação do professor José Carlos Marion na FEA-USP.

1993 – CFC baixa resolução nº 750 que trata dos Princípios Fundamentais de Contabilidade.

Segundo Ludícibus (2000, p. 36), aqui, no Brasil, com a demora do surgimento e amadurecimento de órgãos de classe, associações e entidades representativas da classe contábil e, ainda, com o lento desenvolvimento educacional e profissional da sociedade, muitas orientações que nortearam a prática contábil tiveram que ser editadas por autoridades governamentais. Estas se adiantaram em relação aos profissionais, editando normas e princípios contábeis, que sempre seguiam a tendência doutrinária contábil predominante no mundo à sua época.

A partir da década de 80, mesmo que de forma ainda tímida, tem-se verificado uma maior atuação dos órgãos de classe e associações ligados à profissão quanto à emissão de pronunciamentos sobre assuntos contábeis, situação que culminou com maior prioridade à educação continuada e reforma do currículo de Ciências Contábeis na década de 90.

2.3 O ENSINO SUPERIOR DE CONTABILIDADE NO BRASIL

Os cursos de Contabilidade foram criados, em 1931, pelo Decreto nº

20.158, que instituiu o curso Técnico de Contabilidade, com duração de dois anos para formar Guarda-livros e, de três anos, para formar Peritos Contadores. No entanto, desde 1902, ensinava-se Contabilidade na Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado — “Escola Prática de Comércio”.

Em 1945, o Decreto-Lei nº 7.988 instituiu o curso de Ciências Contábeis e Atuariais. Somente em 1949, a pioneira Fundação Álvares Penteado iniciou a primeira turma de Ciências Contábeis e Atuariais.

Surge, em 1946, a Faculdade de Economia e Administração da Universidade de São Paulo (FEA/USP), primeiro núcleo de pesquisa no Brasil envolvendo a Contabilidade, que contribuiu de maneira extraordinária para a qualidade do ensino superior da Contabilidade.

Em 1951, a Lei nº 1.401 tornou independente o curso de Ciências Contábeis ao desmembrá-lo do curso de Atuariais, possibilitando aos concludentes a possibilidade de receberem o título de Bacharel em Ciências Contábeis.

Em 1962, por meio do parecer nº 397/62, o extinto Conselho Federal de Educação dividiu o curso de Ciências Contábeis em dois ciclos: Formação Básica e Formação Profissional. Trinta anos mais tarde, por meio da Resolução 03/92, este Conselho fixou os conteúdos mínimos e a duração dos cursos de graduação.

O ciclo de Formação Básica era composto pelas disciplinas: Matemática, Estatística, Direito e Economia. E o de Formação Profissional: Contabilidade

Geral, Contabilidade Comercial, Contabilidade de Custos, Auditoria e Análise de Balanços, Técnica Comercial, Administração e Direito Tributário.

A Resolução de 1992, além de fixar os conteúdos mínimos e a duração dos cursos de graduação em Ciências Contábeis, fixou também normas para todas as Instituições de Ensino Superior elaborarem os currículos para os cursos de Contabilidade, definindo o perfil do profissional que deseja formar.

Para Robles Jr. e Marion (1998, p. 8), essa Resolução trouxe grande contribuição e aprimoramento para o ensino da Contabilidade no Brasil. Ele destaca algumas novidades apresentadas pela Resolução:

- os currículos plenos serão elaborados para estimular o conhecimento teórico e prático, permitindo o competente exercício da profissão da profissão com vistas a atribuições específicas que serão conferidas;
- a validade do diploma em âmbito nacional; a assegurar condições para o exercício com competência e com ética perante a sociedade;
- cada instituição de ensino deverá definir o perfil do profissional a ser por ela formada em função das atribuições que serão conferidas e das peculiaridades e necessidades de cada região e dos interesses da clientela discente;
- o currículo pleno será elaborado por disciplinas e outras atividades acadêmicas de forma e atingir o perfil por ela traçado;
- as disciplinas serão distribuídas em categorias de conhecimento e obedecerão aos limites e percentuais de cada categoria de acordo com a legislação em vigor.

Essa Resolução estabeleceu também que o curso de Contabilidade em nível de graduação teria a duração mínima de 2.700 horas-aula, que seriam integralizadas em um máximo de sete anos e um mínimo de quatro anos no curso diurno ou cinco anos no curso noturno e ainda dividiu as categorias de conhecimento em três: Categoria I – Conhecimento de formação geral de natureza

humanística e social; Categoria II – Conhecimento de formação profissional; e Categoria III – Conhecimentos ou atividades de formação complementar.

A quantidade de IES cresceu de forma desordenada no Brasil. Da mesma forma, os cursos de Ciências Contábeis. Em 1998, eram 384 cursos (NOSSA, 1999, p. 38). Atualmente, conforme dados do INEP (2004), existem 772 cursos de Ciências Contábeis no Brasil.

O número de instituições cresceu sem haver uma preocupação com os aspectos qualitativos dos cursos e, em consequência, ex-alunos com pouco ou nenhum conhecimento pedagógico passaram a fazer parte do corpo docente das instituições. (NOSSA, 1999, p. 39).

No ano de 1996, ocorreu a XIV Convenção dos Contabilistas do Estado de São Paulo, onde um grupo de pesquisadores realizou um *workshop* e identificou diversos problemas no ensino da Contabilidade, indicando algumas propostas de soluções. A partir desse evento, elaboraram um documento conclusório que foi encaminhado ao Ministério da Educação, Cultura e Desportos. Nesse documento, foram apresentados os problemas identificados e as propostas de soluções para os seguintes tópicos:

- 1 Estrutura curricular do Ensino em Contabilidade
- 2 Aspectos pedagógicos no Ensino da Contabilidade
- 3 Metodologias de Ensino em Contabilidade
- 4 Pesquisa e Produção Científica em Contabilidade

- 5 Qualificação e Titulação de Docentes em Contabilidade
- 6 Informática no ensino de Contabilidade
- 7 Métodos Quantitativos e Estatísticos no Ensino da Contabilidade.

Iudícibus e Marion, citados por Nossa (1999, p. 2), fizeram o seguinte questionamento em relação ao curso de Ciências Contábeis:

Será que as escolas de Contabilidade estão cumprindo sua função de adequar o ensino às exigências do campo de avanço profissional contábil?
– Será que estas escolas estão se esmerando no sentido de currículo, laboratório de ensino, pesquisas, professores, metodologia de ensino, material didático e de apoio etc. com o objetivo de melhorar o nível de ensino?

Os autores concluem ainda que a situação é delicada e consideram como principais deficiências do ensino de Contabilidade:

- a) falta de adequação do currículo;
- b) falta de um programa bem definido para a prática contábil;
- c) falta de preparo do corpo docente;
- d) deficiência na metodologia do ensino da Contabilidade Introdutória;
- e) proliferação das instituições de ensino e órgãos de classe;
- f) falta de exame de suficiência de âmbito nacional para o exercício da profissão.

2.3.1 O Exame de Suficiência

A capacidade dos profissionais formados passou a ser avaliada pelo

Conselho Federal de Contabilidade, através dos Conselhos Regionais, que, a partir do ano de 2000, instituiu o Exame de Suficiência, por intermédio da Resolução CFC nº 853/99, que estabelece não ser concedido o registro profissional ao formado que não for aprovado nesse exame.

O Exame de Suficiência é composto por uma prova a ser aplicada em todo o território nacional no mesmo horário e data, abrangendo os seguintes conteúdos:

- Contabilidade Geral
- Contabilidade de Custos
- Contabilidade Pública
- Contabilidade Gerencial
- Noções de Direito Público e Privado
- Matemática Financeira
- Teoria da Contabilidade
- Legislação e Ética Profissional
- Princípios Fundamentais de Contabilidade e Normas Brasileiras de Contabilidade
- Auditoria Contábil
- Perícia Contábil
- Português
- Conhecimentos sociais, econômicos e políticos do País.

Desde sua criação, o Exame de Suficiência já teve 74.944 bacharéis em Ciências Contábeis inscritos em nove exames. Desse total, 4.655 (sic) estiveram ausentes no dia da prova. Dos 70.289 candidatos que se submeteram ao exame,

41.857 foram aprovados e 28.432 (sic) foram reprovados. Logo, a média percentual de aprovação nos exames é de, aproximadamente, 60%.

A Resolução CFC nº 853/99, que instituiu o Exame de Suficiência, considera que o objetivo do exame é “[...] o atendimento de um nível mínimo de conhecimento necessário ao desempenho das atribuições deferidas ao Contabilista” (CFC, 1999).

Se o exame está cumprindo bem o seu papel, pode-se concluir que 40% dos egressos dos cursos de Ciências Contábeis saem das instituições de ensino sem o nível mínimo de conhecimento necessário ao desempenho de suas atribuições.

Esse quadro revela a desfavorável condição do ensino superior no Brasil, quando comparado ao índice de aprovação de outros cursos, como o curso superior de Direito, que apresenta um índice médio de 80% de reprovação (QUEIROGA, 2004).

2.3.2 O Exame Nacional de Cursos

Os cursos de Ciências Contábeis foram inclusos no Exame Nacional de Cursos (ENC), o chamado provão, no ano de 2002, por meio da portaria nº 1295/2001 do MEC, que determinou a avaliação dos cursos.

O Exame Nacional de Cursos de Graduação é um dos mecanismos de avaliação dos cursos superiores que funcionou no país entre os anos de 1996 a 2003. Instituído pela Lei nº 9.131/1995 e realizado anualmente entre maio e junho,

o exame fora criado em 1995 para nortear os processos de decisão e de elaboração de políticas de ações voltadas para a melhoria do ensino superior.

Em meio a avaliações mais abrangentes de universidades e faculdades, como a de condições de oferta de ensino, o Provão visava avaliar a qualidade do conteúdo pedagógico oferecido pela instituição. A avaliação era feita por meio de um exame respondido por estudantes prestes a obter o seu diploma de graduação.

Os exames eram elaborados com questões específicas de cada área. Cada aluno recebia uma nota individual de desempenho. A partir do desempenho de todos os alunos, tirava-se uma média das notas, que era conferida à instituição. O curso avaliado obtinha, então, uma nota global que variava de A (a mais alta) a E (a mais baixa). Três notas D ou E consecutivas no Provão (realizado anualmente) e um CI (conceito insuficiente) no item corpo docente da avaliação das condições de ensino seriam suficientes para o MEC determinar o início do processo de reavaliação do curso. Com isso, a universidade ou faculdade, a partir daí, tinha um ano para promover uma melhoria em seu sistema de ensino. Ao final do prazo, deveria submeter-se a uma nova avaliação, que poderia resultar no fechamento do curso, caso os resultados fossem insatisfatórios.

Em entrevista à Revista Brasileira de Contabilidade, em matéria elaborada por Varella e Soares (2001, p. 17), o vice-presidente técnico do CFC, Olívio Koliver, elogiou a inclusão do curso de Ciências Contábeis no ENC, acreditando que esse fato contribuiria para melhoria na qualidade dos cursos. “[...] Queremos

acreditar na firmeza de propósitos do Ministro da Educação, Paulo Renato, de realmente fechar os cursos ruins. Assim, os estudantes poderão procurar boas escolas”. Em 2004, o MEC modificou a forma de avaliação dos cursos e os cursos de Ciências Contábeis não foram contemplados nesse primeiro momento.

2.3.3 O SINAES

O provão foi substituído, com a Lei 10.861 de 14 de abril de 2004 (BRASIL, 2004), pelo Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES). O novo Provão visa examinar quatro características da instituição: se faz uma avaliação interna e externa, da infra-estrutura, relacionamentos interpessoais, atividades desenvolvidas em cada curso, com atuação do corpo docente e dos alunos; o desempenho dos estudos, focando as diretrizes curriculares; as condições de oferta dos cursos, como infra-estrutura para seu funcionamento; e a auto-avaliação, envolvendo pessoas de todos os segmentos que a compõem. No ano de 2004, 13 cursos devem ser contemplados com o novo método de avaliação, que permanece anual. Dessa forma, o sistema agrega mais elementos de análise que, até então, se destinava ao exame nacional de cursos e a uma comissão que verificava, *in loco*, a infra-estrutura das instituições. No SINAES, os acadêmicos serão avaliados pelo Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (ENADE).

No novo método de avaliação, o sistema escolherá duas amostragens, uma de alunos cursando o primeiro ano letivo e outra de formandos.

2.3.4 As Diretrizes Curriculares

Por meio do Parecer nº CES/CNE 0146/2002, a Câmara de Educação Superior do Conselho Nacional de Educação aprovou as Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos de graduação em Ciências Contábeis (CNE, 2002), atendendo, assim, à exigência estabelecida no inciso VII do artigo 9º da nova LDB, que pôs fim ao currículo mínimo obrigatório. Na tabela 1, é possível verificar as principais diferenças entre Currículo Mínimo e Diretrizes Curriculares Nacionais.

Tabela 1 – Principais diferenças entre Currículo Mínimo e Diretrizes Curriculares Nacionais

CURRÍCULO MÍNIMO	DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS
Comprometido com a emissão de um diploma para o exercício profissional.	Não vinculam o diploma ao exercício profissional, pois os diplomas, de acordo com o art. 48 da LDB, se constituem em prova, válida nacionalmente, da formação recebida por seus titulares.
Encerrava a concepção do exercício do profissional, cujo desempenho resultaria especialmente das disciplinas ou matérias profissionalizantes, enfeixadas em uma grade curricular, com os mínimos obrigatórios fixados em uma resolução por curso.	Concebem a formação de nível superior como um processo contínuo, autônomo e permanente, com uma sólida formação básica e uma formação profissional fundamentada na competência teórico-prática, de acordo com o perfil de um formando adaptável às novas e emergentes demandas;
Inibia a inovação e a criatividade das instituições, que não detinham liberdade para reformulações naquilo que estava, por Resolução do CFE, estabelecido nacionalmente como componentes curriculares e até com detalhamento de conteúdos obrigatórios.	Ensejam a flexibilização curricular e a liberdade de as instituições elaborarem seus projetos pedagógicos para cada curso segundo uma adequação às demandas sociais e do meio e aos avanços científicos e tecnológicos, conferindo-lhes uma maior autonomia na definição dos currículos plenos dos seus cursos.
Atuava como instrumento de transmissão de conhecimentos e de informações, inclusive prevalecendo interesses corporativos responsáveis por obstáculos no ingresso no mercado de trabalho e por desnecessária ampliação ou prorrogação na duração do curso.	Orientam-se na direção de uma sólida formação básica, preparando o futuro graduado para enfrentar os desafios das rápidas transformações da sociedade, do mercado de trabalho e das condições de exercício profissional.

Pretendia, como produto, formar um profissional “preparado”.	Pretendem preparar um profissional adaptável a situações novas e emergentes.
Comum e obrigatório em diferentes instituições, propôs a mensurar desempenhos profissionais no final do curso.	Propõem ser um referencial para a formação de um profissional em permanente preparação, visando a uma progressiva autonomia profissional e intelectual do aluno, apto a superar os desafios de renovadas condições de exercício profissional e de produção de conhecimento.
Era fixado para uma determinada habilitação profissional, assegurando direitos para o exercício de uma profissão regulamentada.	Devem ensinar variados tipos de formação e habilitações diferenciadas em um mesmo programa.

Fonte: Adaptada CNE (2002).

De acordo com as Diretrizes Curriculares do Curso de Graduação em Ciências Contábeis, esse curso deve contemplar um perfil profissional que revele a responsabilidade social de seus egressos e sua atuação técnica e instrumental, articulada com outros ramos do saber e, portanto, com outros profissionais, evidenciando o domínio de habilidades e competências inter e multidisciplinares.

As Diretrizes Curriculares (MEC, 2002) estabelecem ainda que, quanto às competências e habilidades, os bacharéis em Ciências Contábeis deverão ser capazes de:

- utilizar adequadamente a terminologia e a linguagem próprias das Ciências Contábeis e Atuariais;
- demonstrar uma visão sistêmica e interdisciplinar da atividade contábil;
- elaborar pareceres e relatórios que contribuam para o desempenho eficiente e eficaz de seus usuários, quaisquer que sejam os modelos organizacionais;
- aplicar adequadamente a legislação inerente às funções contábeis;
- desenvolver, com motivação e através de permanente articulação, a liderança entre equipes multidisciplinares para a captação de insumos necessários aos controles técnicos, à geração e disseminação de informações contábeis, com reconhecido nível de precisão;
- exercer suas funções com expressivo domínio das funções contábeis e

atuariais que viabilizem aos agentes econômicos e aos administradores de qualquer segmento produtivo ou institucional o pleno cumprimento da sua responsabilidade quanto ao gerenciamento, aos controles e à prestação de contas da sua gestão perante a sociedade, gerando também informações para a tomada de decisão, organização de atitudes e construção de valores orientados para a cidadania;

- desenvolver, analisar e implantar sistemas de informação contábil e de controle gerencial;

- exercer, com ética e proficiência, as atribuições e prerrogativas que lhe são prescritas através da legislação específica, revelando domínios adequados aos diferentes modelos organizacionais.

2.3.5 A pós-graduação em Contabilidade no Brasil

Os cursos de pós-graduação em Contabilidade, em nível *lato sensu*, estão presentes em praticamente todo o Brasil.

Apesar da grande quantidade de cursos de graduação em Ciências Contábeis e do número reduzido de professores mestres e doutores em Contabilidade, a quantidade de cursos de pós-graduação, em nível *stricto sensu*, ainda é inexpressível. Atualmente, no Brasil, são dez os cursos de mestrado em Contabilidade e apenas um de doutorado que figuram na lista dos cursos recomendados pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Três desses cursos foram descredenciados e encontravam-se em fase de recurso no fechamento desta pesquisa.

A CAPES é uma instituição vinculada ao Ministério da Educação, criada em 1951, com várias atribuições, dentre elas, avaliar e recomendar periodicamente os programas de pós-graduação *stricto sensu*.

Atualmente, os cursos de pós-graduação em Contabilidade recomendados pela CAPES são:

- 1 Mestrado em Ciências Contábeis – oferecido pela Fundação Visconde de Cairu (FVC), localizada em Salvador – BA; disponibiliza duas áreas de concentração: Gestão Pública e Gestão Empresarial.
- 2 Mestrado em Ciências Contábeis – oferecido pela Universidade de Brasília (UNB), localizada em Brasília – DF, com concentração em mensuração contábil.
- 3 Mestrado profissionalizante em Ciências Contábeis – oferecido pelo Instituto Capixaba de Pesquisas em Contabilidade, Economia e Finanças (FUCAPE), localizada em Vitória – ES, com concentração em Contabilidade e Finanças.
- 4 Mestrado em Ciências Contábeis – oferecido pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), localizada no Rio de Janeiro – RJ.
- 5 Mestrado em Ciências Contábeis – oferecido pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), localizada no Rio de Janeiro – RJ, dispõe de três áreas de concentração: Auditoria, Contabilidade Financeira e Contabilidade Gerencial.
- 6 Mestrado em Ciências Contábeis – oferecido pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), localizada em São Leopoldo –

RS, com concentração em Contabilidade e Controladoria.

- 7 Mestrado em Ciências Contábeis e Atuariais – oferecido pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), localizada em São Paulo – SP, com concentração em Ciências Contábeis e Financeiras.
- 8 Mestrado Profissionalizante em Controladoria – oferecido pela Universidade Federal do Ceará (UFC), localizada em Fortaleza – CE, com concentração em Controladoria.
- 9 Mestrado em Controladoria e Contabilidade Estratégica – oferecido pela Faculdade de Ciências Econômicas de São Paulo (FACESP), localizada em Brasília – DF, com duas áreas de concentração: Controladoria e Contabilidade Estratégica Aplicada e Ensino da Contabilidade.
- 10 Mestrado em Controladoria e Contabilidade – oferecido Universidade de São Paulo (USP), localizada em São Paulo – SP, com concentração em Controladoria e Contabilidade.
- 11 Doutorado em Controladoria e Contabilidade – oferecido Universidade de São Paulo (USP), localizada em São Paulo – SP, com concentração em Controladoria e Contabilidade.

Os três cursos de mestrado que se encontravam em fase de recursos são das seguintes instituições: FACESP, FCV, e UERJ.

2.4 O ENSINO SUPERIOR DE CONTABILIDADE NO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

No Estado do Espírito Santo, o curso de Ciências Contábeis teve início em 1965, na Universidade Federal do Espírito Santo. A segunda instituição a implantar o curso foi a FICAB (Faculdades Integradas Castelo Branco), situada em Colatina, no ano de 1970, seguida pela Faculdade de Ciências Contábeis e Administrativas de Cachoeiro do Itapemirim (FACACCI), em 1974, e depois pelo Centro Universitário de Vila Velha (UVV), em 1976. Em onze anos, foram criados quatro cursos e, somente doze anos depois, é que surgiu o quinto curso na Faculdade de Ciências Aplicadas Sagrado Coração (UNILINHARES), em 1988.

Acompanhando a tendência de aumento do número de cursos superiores em todo o País, o estado do Espírito Santo também registrou um grande crescimento na quantidade de cursos, inclusive do curso de Ciências Contábeis que, no ano de 1995, contava com nove cursos e, no ano de 2000, esse número dobrou, passando a existir dezoito cursos. Atualmente, o Estado conta com 24 cursos (Apêndice B).

A proliferação das instituições de ensino acarretarão problemas que, certamente, comprometerão a qualidade dos cursos, uma vez que não há professores qualificados para atuarem em tantos cursos e que o rápido crescimento da quantidade de cursos se deu de uma forma desordenada, sem observar a real demanda do mercado.

Outros problemas fazem parte do cotidiano capixaba, como as constantes greves, a falta de professores na universidade pública, a manobra das IES privadas para reduzir de cinco para quatro anos o tempo de duração do curso e a falta de professores qualificados e com dedicação exclusiva ao ensino e pesquisa.

Em meio a esse cenário, como aspecto positivo, merece destaque o fato do estado do Espírito Santo ser um dos poucos Estados brasileiros a abrigar um programa de mestrado reconhecido pela CAPES, o da FUCAPE. Criada no ano de 2000, a instituição é uma fundação pública de direito privado que tem sido referência nacional no ensino e pesquisa em Contabilidade.

Capítulo 3

3 METODOLOGIA

3.1 TIPO DE PESQUISA

Para elaboração de um trabalho desta natureza, foi necessário utilizar-se da pesquisa bibliográfica e da pesquisa de campo, haja vista a existência de abordagem teórica sobre o assunto. Cervo e Bervian destacam e explicam a importância dessa metodologia:

A pesquisa bibliográfica procura explicar um problema a partir de referências teóricas publicadas em documentos. Pode ser realizada independentemente ou como parte da pesquisa descritiva ou experimental. Em ambos os casos, busca conhecer e analisar as contribuições culturais ou científicas do passado existentes sobre um determinado assunto, tema ou problema. (1996, p. 48)

Segundo Marconi e Lakatos (2003, p. 186), a pesquisa de campo: “é aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta, ou ainda descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles”.

A natureza da pesquisa levou à utilização de um questionário, cuja elaboração tomou-se como base a pesquisa desenvolvida por Oliveira (1995) sobre os egressos do curso de Ciências Contábeis no município de Fortaleza,

observando-se ainda as recomendações de Gil (1996, p. 87) para elaboração de um questionário: “[...] torna-se necessário formular os objetivos específicos, que indicam exatamente os dados que se pretende obter”.

Cervo e Bervian (1996, p.39), destacam que há dois tipos de perguntas que podem ser utilizadas nos questionários: perguntas abertas e perguntas fechadas.

As perguntas fechadas são padronizadas, de fácil aplicação, fáceis de codificar e analisar. As perguntas abertas, destinadas à obtenção de respostas livres, embora possibilitem recolher dados ou informações mais ricas e variadas, são codificadas e analisadas com maiores dificuldades.

O questionário aplicado foi composto por 54 perguntas fechadas e incluem dados sobre: formação básica, nível socioeconômico, formação acadêmica, ocupação durante o curso de graduação, ocupação no final do curso de graduação, ocupação atual, avaliação do curso e informações gerais. Os dados obtidos com as respostas foram tabulados em planilhas eletrônicas, de onde foram extraídos os resultados que sustentam as conclusões da pesquisa.

Para elaboração do questionário, foi utilizado o seguinte procedimento: primeiro foram colhidas sugestões para organizá-lo da melhor forma; depois, o questionário foi aplicado a alguns egressos (que não fazem parte da amostra), onde se perceberam algumas deficiências, procurando-se assim corrigi-las. Finalmente, o questionário foi encaminhado aos egressos selecionados para a amostra.

3.2 DELIMITAÇÃO DA PESQUISA

O período a ser pesquisado iniciou-se em 1996, haja vista que, nesse ano, formou-se a primeira turma com a vigência do currículo mínimo obrigatório, estabelecido em 1992.

O ano de 2001 não foi contemplado pela pesquisa, porque, no período de investigação, os formados ainda não tiveram tempo hábil para requerer seu registro no CRC/ES e tentar uma colocação no mercado de trabalho.

3.3 COLETA DE DADOS PRIMÁRIOS

A coleta de dados foi compreendida por duas etapas. Na primeira etapa, foi enviado um ofício (Apêndice D) às instituições que oferecem o curso de Ciências Contábeis e que formaram alunos no período pesquisado – 1996 a 2000 –, solicitando a relação em ordem alfabética dos alunos formados. As três instituições são: UFES, FAESA e FCHV, que atenderam prontamente à solicitação. A relação contém informações sobre o domicílio, o telefone e o endereço eletrônico dos formados.

Os dados primários compreendem as relações fornecidas pelas instituições.

Na segunda etapa da coleta de dados, foi enviado questionário para os egressos selecionados para compor a amostra de cada instituição. Essa etapa

será mais detalhada no tópico Coleta de Dados Secundários.

A população – ou universo da pesquisa – é formada pelos alunos que se formaram na UFES, na FAESA e na FCHV no período compreendido entre 1996 a 2000, compreendendo 1.099 egressos.

Milone e Angelini (1993, p.13), definem por população “... o conjunto de elementos que tem alguma característica em comum que possa ser contada, medida, pesada ou ordenada de algum modo e que sirva de base para as propriedades que se quer investigar”.

A quantidade de egressos por instituição é distribuída segundo a Tabela 2:

Tabela 2 – Quantidade de egressos por instituição

INSTITUIÇÃO	Quantidade de egressos
UFES	313
FCHV	328
FAESA	458
TOTAL	1.099

3.4 PLANO AMOSTRAL

Diversos fatores, como o custo, a localização e o tempo disponível para pesquisa, inviabilizaram pesquisar toda a população, sendo necessário extrair dela uma amostra. Stevenson (1981, 9.58) diz que a finalidade da amostra é:

[...] fazer generalizações sobre todo um grupo sem precisar examinar cada um de seus elementos. A parcela do grupo examinada é chamada amostra, e o grupo todo – do qual se extrai a amostra – é designado como população ou universo.

Para garantir a representatividade dos egressos de cada instituição, foi utilizado o método de amostragem estratificada.

No caso de população heterogênea em que se podem distinguir subpopulações mais ou menos homogêneas, denominadas estratos, é possível utilizar o processo de amostragem estratificada. Após a determinação dos estratos, seleciona-se uma amostra aleatória de cada subpopulação (estrato). (FONSECA e MARTINS, 1996, p.182).

Dessa forma, teremos três estratos, a saber: UFES, FAESA e FCHV.

Para o cálculo da amostra, Fonseca e Martins (1996, p. 179) recomendam a utilização da fórmula expressa na equação 1, que é empregada no cálculo do tamanho de amostra quando a população é finita e a variável é nominal ou ordinal:

$$n = \frac{Z^2 \cdot \hat{p} \cdot \hat{q} \cdot N}{e^2(N-1) + Z^2 \cdot \hat{p} \cdot \hat{q}} \quad (1)$$

Onde:

N corresponde ao tamanho da população. Nesse caso, 1.099 alunos.

Z é o valor correspondente à ordenada da curva normal padrão, fixado um nível de confiança. Para pesquisas dessa natureza, um nível de confiança normalmente utilizado é o de 95%, obtendo-se o valor de 1,96 para Z. Geralmente,

arredonda-se para 2 o valor de Z, ficando o nível de confiança em 95,5%.

\hat{p} é a estimativa da verdadeira proporção de um dos níveis da variável escolhida. Segundo Oliveira (2003, p. 90), há três maneiras de ser estimado o valor de \hat{p} : por valores históricos, amostra piloto e valor máximo para \hat{p} . A última alternativa, a do valor máximo, foi a utilizada. O valor de \hat{p} é 0,5.

$\hat{q} = 1 - \hat{p} = 0,5$. O termo $\hat{p}(1 - \hat{p})$ é uma parábola do 2º grau e seu máximo ocorre em $\hat{p} = 1/2$. Logo, nesse ponto, obtemos a estimativa que dará maior amostra.

e corresponde ao erro amostral expresso em decimais. Conhecido como erro de estimação, é a máxima diferença admitida entre a verdadeira proporção (não conhecida) e a estimativa da verdadeira proporção. O erro de estimação utilizado foi de 5% (0,05).

Aplicando-se a Equação, chegou-se à seguinte quantidade de alunos:

$$n = \frac{4 \times 0,5 \times 0,5 \times 1099}{0,0025 (1099-1) + 4 \times 0,5 \times 0,5}$$

$$n = \frac{1099}{2,745 + 1}$$

$$n = \frac{1.099}{3,745}$$

$$n = 293,45 \pm \mathbf{294 \text{ alunos}}$$

Conhecidos os estratos e o tamanho total da amostra, determinou-se o tamanho da amostra de cada estrato, empregando-se o conceito de amostragem por cotas, distribuindo o tamanho total da amostra proporcionalmente à quantidade de egressos em cada instituição. A Tabela 3 mostra como será a distribuição de amostragem.

Tabela 3: Tamanho da amostra por IES

INSTITUIÇÃO	Quantidade de egressos	Percentual de egressos	Tamanho da amostra por instituição
UFES	313	28,48%	84
FCHV	328	29,85%	88
FAESA	458	41,67%	122
TOTAL	1.099	100,00%	294

3.5 COLETA DE DADOS SECUNDÁRIOS

Dados secundários são os dados obtidos com os questionários respondidos pelos egressos selecionados de cada instituição. Essa fase levou cerca de 11 meses e ocorreu entre agosto de 2002 e junho de 2003.

Calculado o tamanho da amostra por instituição, foi necessário definir quais os egressos que fariam parte dessa amostra. Para escolher os egressos de cada instituição, utilizou-se o conceito de amostragem sistemática.

Trata-se de uma variação da amostragem aleatória simples, conveniente quando a população está ordenada segundo algum critério, [...]. Calcula-se o intervalo de

amostragem N/n aproximando-o para o inteiro mais próximo: a. Utilizando-se a tábua dos números aleatórios, sorteia-se um número entre 1 e a, formando-se a amostra dos elementos correspondentes aos números $x; x+a; x+2a; \dots$ [...]. $a = N/n$. (FONSECA e MARTINS, 1996, p.182)

Procedeu-se, então, ao cálculo do índice de sistematização de cada instituição. A quantidade de egressos da UFES (N) é de 313. O tamanho da amostra calculado (n) é de 84. Logo, o índice de sistematização da UFES é de $313/84$. Isto é, 3,72, que é arredondado para 4. O índice de sistematização de cada instituição foi calculado dessa forma.

A Tabela 4 demonstra o cálculo deste índice para cada instituição.

Tabela 4: Cálculo do índice de sistematização para cada IES

INSTITUIÇÃO	Cálculo do índice de sistematização (IS)	
UFES	313/84	3,72 → 4
FCHV	328/88	3,72 → 4
FAESA	458/122	3,75 → 4

O índice de sistematização encontrado para cada instituição foi 4.

As três listas de alunos fornecidas pelas instituições foram numeradas. A lista fornecida pela UFES foi numerada de 1 a 313; a lista da FCHV, de 1 a 328; e a da FAESA, de 1 a 458.

Foi escolhido, aleatoriamente, um número entre 1 e 4 para cada instituição. Para a UFES, escolheu-se o número 2; para a FCHV, o número 1; e, para a

FAESA, o número 4.

O índice de sistematização foi empregado para definir quais alunos seriam escolhidos a partir da lista fornecida por cada instituição. Na UFES, foram escolhidos os egressos enumerados na lista: 2, 6, 10, assim por diante. Para a FCHV, foram escolhidos os números: 1, 5, 9, ...; e, para a FAESA, os números 4, 8, 12,

Cada pessoa selecionada recebia um telefonema em que se comunicava a seleção para responder a um questionário que seria encaminhado ao seu correio eletrônico; no entanto, primeiramente, era verificado o interesse em participar e comunicada a importância de responder a ele o quanto antes.

Juntamente com o questionário, foi encaminhada carta de apresentação solicitando colaboração para a pesquisa.

As listas fornecidas pelas instituições estavam com alguns dados desatualizados, sendo necessário recorrer a outros meios para conseguir os números de telefones. A maior dificuldade enfrentada nessa fase era contatar os ex-alunos. Os horários em que estavam disponíveis eram variados, sendo necessário telefonar para alguns diversas vezes, sendo que, em alguns casos, houve a necessidade de entrar em contato em fins de semana, feriado ou horário noturno.

Num primeiro contato, 42 pessoas foram descartadas, pois 12 delas revelaram não ter interesse em participar da pesquisa e o restante foi impossível

de ser localizado. Alguns faleceram, outros estavam em outros Estados ou não possuíam qualquer meio de contato.

Dos 252 questionários encaminhados, 153 foram recebidos e respondidos, sendo 45 de egressos da UFES, 42 da FCHV e 66 da FAESA, o que representa 52,04% da amostra selecionada de 294 egressos, e 13,92% da população de 1.099 egressos.

Acredita-se que esse índice de 13,92% da população pode ser considerado satisfatório, uma vez que se aproxima do índice de 16% obtido na pesquisa realizada em Fortaleza (Oliveira, 1995, p. 80).

Tabela 5: Egressos que responderam ao questionário – por instituição

INSTITUIÇÃO	EGRESSOS QUE RESPONDERAM	
FCHV	27,45%	42
UFES	29,41%	45
FAESA	43,14%	66
TOTAL	100,00%	153

Capítulo 4

4 ANÁLISE DOS DADOS

Nos anos de 1996 e 1997, somente três instituições formaram alunos e, de 1998 a 2000, o universo é de quatro instituições.

Ressalta-se que um dos cursos foi reconhecido pelo MEC somente após o ano de 2000 e não teve seus egressos incluídos nesta pesquisa, fato que não influenciou nos resultados, pois, se os formados não tinham diploma, não poderiam estar inscritos no Conselho Regional de Contabilidade.

Num primeiro momento, buscou-se descrever algumas características das Instituições de Ensino Superior, cujos alunos foram pesquisados; depois, procurou-se apresentar os resultados obtidos com as respostas ao questionário que possibilitaram traçar um perfil dos egressos do curso de Ciências Contábeis.

4.1 INSTITUIÇÕES PESQUISADAS

A seguir, são apresentadas informações a respeito da três instituições que oferecem o curso de Ciências Contábeis, cujos egressos foram alvos desta pesquisa.

4.1.1 UFES

A Universidade Federal do Espírito Santo foi a pioneira em oferecer o curso de Ciências Contábeis, em 1965. Uma das maiores reestruturações do curso ocorreu em 1996 pela Resolução n.º 03, do Conselho Federal de Educação – CFE. Com essa reestruturação, a grade curricular passou a ser mais flexível, possibilitando ao graduando definir sua própria trajetória no decorrer do curso, ao oferecer algumas disciplinas no horário matutino e noturno.

Anualmente, são oferecidas 90 vagas, sendo 45 em cada semestre. O curso tem duração sugerida pela UFES de cinco anos, podendo ser concluído em até sete anos conforme permissão pelo Conselho Federal de Educação.

É objetivo do curso de Ciências Contábeis da UFES:

formar profissionais capazes de conduzir e orientar questões patrimoniais, financeiras e econômicas, desempenhando sua função como contadores em empresas dos setores público e privado, como auditores (externos ou internos), como peritos contábeis, como analistas de balanços, de créditos e de custos, como *controller*, como pesquisadores, como consultores contábeis, fiscais e tributários, como professores de Contabilidade, como assessores financeiros no planejamento e controle orçamentário (UFES, 2003).

4.1.2 FCHV

A Faculdade de Ciências Humanas de Vitória foi a sétima instituição de ensino a oferecer o curso de Ciências Contábeis no Estado de Espírito Santo, sendo o terceiro curso do município de Vitória, criado em 1989, seu objetivo é “[...]”

a formação de profissionais de Contabilidade atualizados e atentos às necessidades contínuas de evolução do mercado de trabalho.“ (FCHV, 2003). O curso tem por objetivo formar profissionais de Contabilidade para atuar nas mais diversas atividades, tais como: auditoria independente, auditoria interna, controladoria, perícia contábil, análise de demonstrações contábeis, além do exercício da Contabilidade em si, seja como autônomo ou empregado (FCHV,2003).

De acordo com a instituição, o curso propicia também a formação de um profissional que possua visão holística, hábito de leitura, que saiba trabalhar em equipe, que possua equilíbrio emocional e, especificamente falando da área contábil, o mercado requer um profissional que atue como gestor, que "pensa o negócio" da empresa, que analisa resultados, que faz projeções futuras e ajuda a administrar a empresa. Anualmente, são oferecidas 100 vagas e o curso tem duração de quatro anos.

4.1.3 FAESA

A Faculdades Integradas Espírito-Santenses (FAESA) foi a primeira instituição de ensino particular a oferecer o curso de Ciências Contábeis. Criado em 1989, foi reconhecido pelo Decreto nº 1152, de 12 de agosto de 1993.

De acordo com a Instituição, o curso tem uma proposta curricular construída pela equipe de professores, após análise de pesquisas realizadas junto aos alunos e ao mercado, de forma a atender às expectativas dos alunos, que são

preparados para enfrentar a realidade empresarial, e as dos empresários, que receberão profissionais capacitados tecnicamente e com espírito crítico e empreendedor bem desenvolvido. Para isso, conta com um corpo docente diversificado, compondo-se de profissionais que atuam no mercado e professores pesquisadores, possibilitando aos alunos tanto vivência e discussão de situações práticas como o aprofundamento no estudo das Ciências Contábeis.

No último ano do curso, o aluno pode optar em aprofundar seus conhecimentos em duas áreas distintas (contabilidade societária ou controladoria), de acordo com o seu perfil e a tendência do mercado.

Anualmente, são oferecidas 100 vagas, sendo 50 para o turno matutino e as outras 50 para o turno noturno. O curso é concluído, no mínimo, em quatro anos e, no máximo, em sete anos.

4. 2 ORGANIZAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Conforme mencionado no início deste capítulo, são apresentados a seguir, os resultados da pesquisa.

4.2.1 Características da amostra por instituição, sexo, estado civil e ano de formatura

Tabela 6: Egressos – por instituição e sexo

	MASCULINO		FEMININO	
	QTDE	%	QTDE	%
FCHV	26	61,90%	16	38,10%

UFES	25	55,56%	20	44,44%
FAESA	38	57,58%	28	42,42%
TOTAL		58,17%	64	41,83%

A Tabela 6 mostra a predominância do sexo masculino entre os bacharéis em Ciências Contábeis no município de Vitória: 58,17% dos pesquisados são do sexo masculino e 41,83% são do sexo feminino.

Outras pesquisas confirmaram a predominância do sexo masculino entre os bacharéis em Ciências Contábeis. No município de Fortaleza, o sexo masculino representa 54,6% (OLIVEIRA, 1995, p. 107). Em pesquisa realizada pelo CFC sobre o perfil do contabilista no Brasil, verificou-se que este índice sobe para 72,98% (CFC, 1996, p. 13).

Os bacharéis em Ciências Contábeis do município de Vitória são em sua maioria (55%) solteiros, conforme ilustrado na figura 1. No município de Fortaleza, apenas 26,3% são solteiros (OLIVEIRA, 1995, p. 158). Dos profissionais atuantes, 18,12% são solteiros (CFC, 1996, p. 14).

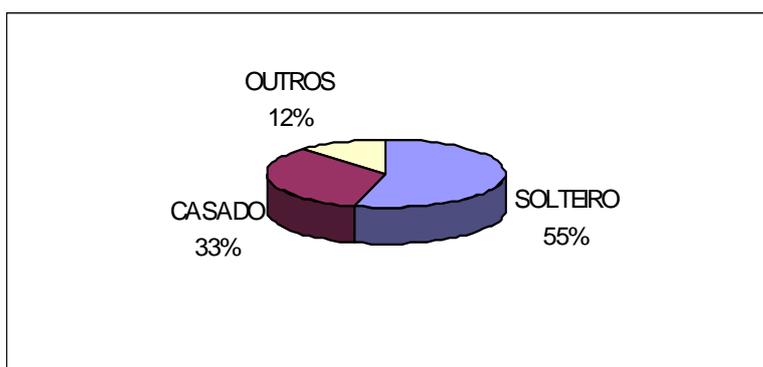


Figura 1: Egressos – por estado civil

Quanto ao ano de conclusão do curso, observa-se que, nos últimos três anos do período pesquisado, houve um incremento na quantidade de formados, ocorrência que pode ser explicada com o início de colação de grau pelos alunos dos cursos implantados a partir do ano de 1990.

Tabela 7: Egressos – por ano de formatura

IES	1996	1997	1998	1999	2000	TOTAL
FCHV	17%	14%	19%	21%	29%	100%
UFES	16%	18%	20%	20%	27%	100%
FAESA	15%	21%	20%	20%	24%	100%
MÉDIA	16%	18%	20%	20%	26%	100%

A pesquisa revela que 45% dos egressos que se formaram no período pesquisado buscaram se inscrever no Conselho Regional de Contabilidade. Deve ser ressaltado que esse número não serve como referência para egressos formados em outros períodos, pois a implantação do Exame de Suficiência a partir do ano de 2000 fez com que os Conselhos Regionais de Contabilidade registrassem uma grande procura por inscrições no ano anterior. Com isso, infere-se que os recém-formados apressaram-se em fazer suas inscrições.

4.2.2 Participação em entidades de classe

Conforme pode ser constatado na Tabela 8, 23% dos pesquisados participam de algum tipo de associação de classe: 3% participam de partidos políticos, 7% participam de alguma associação, enquanto 13% participam de sindicatos.

Sobre a participação dos egressos em associações de classe, pode-se dizer que é muito tímida quando comparada com o resultado da pesquisa do CFC, onde o percentual de contadores atuantes no mercado que participam de algum tipo de associação é de 66,65% (CFC, 1996, p. 47).

Tabela 8: Participação em associações de classe (em %)

IES	SINDICATO	ASSOCIAÇÃO	PARTIDO	NÃO PARTICIPA	TOTAL
FCHV	3	3	1	35	42
UFES	8	5	2	30	45
FAESA	9	3	1	53	66
TOTAL	20	11	4	118	153
% MÉDIO	13%	7%	3%	77%	100%

4.2.3 Formação básica

Em relação à formação básica, a pesquisa mostrou que o ensino fundamental (antigo 1º grau) foi cursado em escola pública por 46,41% dos pesquisados, enquanto 40,52% o fizeram em escola particular e o restante, 13,07%, o fez de forma mista: parte em escola pública e parte em escola particular.

O ensino médio (antigo 2º grau) apresentou um quadro bem semelhante ao do ensino fundamental, uma vez que 45,10% freqüentaram a rede pública, 39,22% a rede particular e 15,68% ambas as redes de ensino.

A grande maioria dos pesquisados, 71,90%, não possui o curso de Técnico

em Contabilidade, enquanto que 16,34% possuem essa formação e 11,76% não responderam a esse questionamento.

Tabela 9: Formação básica dos egressos

FORMAÇÃO	UFES	FCHV	FAESA	MÉDIA
ENSINO FUNDAMENTAL				
ESCOLA PÚBLICA	31%	45%	58%	46,41%
ESCOLA PARTICULAR	56%	36%	33%	40,52%
AMBOS	13%	19%	9%	13,07%
ENSINO MÉDIO				
ESCOLA PÚBLICA	24%	55%	53%	45,10%
ESCOLA PARTICULAR	53%	29%	36%	39,22%
AMBOS	22%	17%	11%	15,68%
CURSO TÉCNICO				
SIM	13%	17%	18%	16,34%
NÃO	82%	69%	67%	71,90%
EM BRANCO	4%	14%	15%	11,76%

Uma informação importante que a pesquisa proporciona é em relação à formação básica dos egressos de instituições privadas confrontada com a dos egressos da instituição pública: percebe-se que a maioria dos egressos da instituição pública frequentou escola particular durante a formação básica. A situação se inverte quando observados os egressos das instituições privadas: a maioria frequentou escola pública durante a formação básica.

Essa informação comprova que o ensino público não proporciona ao aluno, do curso pesquisado, igualdade de condições com o ensino privado no processo seletivo para ingressar na universidade pública, onde existe um grande número de concorrentes para cada vaga disponível.

4.2.4 Formação acadêmica

A Tabela 10 mostra que a maioria dos pesquisados, cerca de 31%, concluiu o curso em quatro anos, sendo que 29% o fizeram em quatro anos e meio, 18% em cinco anos, 9% em cinco anos e meio, 6% em seis anos, 5% em seis anos e meio e 2% afirmaram que concluíram o curso em sete anos, prazo máximo permitido pelo MEC.

Quando analisada isoladamente a instituição pública, percebe-se que a grande maioria, 40% dos pesquisados, concluiu o curso em cinco anos, fato explicado pelo prazo mínimo que o extinto Conselho Federal de Educação exigia que os cursos durassem.

Com a redução do prazo mínimo autorizado pela LDB, que passou a vigorar desde 1996, muitas faculdades adaptaram suas grades, de forma que os alunos pudessem concluir o curso em menor tempo, fato que não ocorreu na UFES.

Outra informação importante que a análise por instituição fornece é em relação ao tempo máximo gasto para concluir o curso. Percebe-se que, em média, 2% dos egressos o concluíram em 7 anos, sendo todos eles de instituições privadas.

Tabela 10: Tempo gasto para concluir o curso

TEMPO GASTO	UFES	FCHV	FAESA	MÉDIA
4 anos	13%	36%	41%	31%
4 anos e meio	29%	24%	26%	26%

5 anos	40%	12%	14%	21%
5 anos e meio	9%	12%	8%	9%
6 anos	7%	10%	3%	6%
6 anos e meio	2%	5%	6%	5%
7 anos	0%	2%	3%	2%

A Tabela 11 traz informações quanto ao turno em que os entrevistados freqüentaram o curso: 79% responderam que o freqüentaram no turno noturno, enquanto 16% o fizeram em ambos os turnos, com predominância do noturno; 5% responderam que fizeram em ambos os turnos, com predominância do diurno. Nesse aspecto, não se verificam diferenças significativas entre os egressos da UFES e das instituições particulares.

Tabela 11: Turno que freqüentaram o curso

TURNO	UFES	FCHV	FAESA	MÉDIA
Noturno	78%	90%	73%	79%
Ambos, com predominância no diurno	0%	0%	11%	5%
Ambos, com predominância do noturno	22%	10%	17%	16%

Quanto ao motivo pela escolha do curso, foram apresentadas várias repostas, mas, predominantemente, 37% responderam que fizeram a escolha em

função do mercado de trabalho, que dá ao formado a possibilidade de atuar em diversas áreas.

Percebe-se, na Tabela 12, que há uma diferença significativa entre os egressos da FAESA e os egressos das outras instituições. Cerca de 45% deles afirmaram que escolheram o curso por causa do mercado de trabalho. A FAESA realiza pesquisas junto aos alunos e ao mercado de trabalho para construir a proposta curricular, o que, certamente, tem influenciado os ingressantes do curso a optarem por ele.

O segundo motivo que os levou a escolher o curso foi a possibilidade de trabalhar e estudar, com 16% de afirmativas para essa opção.

A vocação ficou em terceiro lugar. Quinze por cento afirmaram que escolheram o curso por motivo de vocação, enquanto 14% responderam que fizeram o curso por exigência do trabalho.

Tabela 12: Motivo pela escolha do curso

MOTIVO	UFES	FCHV	FAESA	MÉDIA
Mercado de trabalho	31%	29%	45%	37%
Por possibilitar trabalhar e estudar	18%	21%	12%	16%
Vocação	18%	12%	15%	15%
Exigência do trabalho	11%	19%	14%	14%
Formação anterior compatível	7%	10%	6%	7%
Pouca concorrência no vestibular	7%	7%	5%	6%
Outros	9%	0%	0%	3%

A Tabela 13 traz informações sobre a faixa etária em que o curso foi concluído. Percebe-se que não há diferenças significativas entre os egressos das diferentes instituições, em relação à faixa etária que concluiu o curso.

Tabela 13: Faixa etária de conclusão do curso

FAIXA ETÁRIA	UFES	FCHV	FAESA	MÉDIA
20 e 24 anos	47%	43%	55%	49%
25 e 29 anos	31%	33%	24%	29%
30 e 35 anos	13%	12%	15%	14%
Acima de 35 anos	9%	12%	6%	8%

Percebe-se, ainda, que os cursos de Ciências Contábeis lançam no mercado pessoas bem jovens. Cerca de 78%, tem idade inferior a 29 anos. Apenas 9% dos egressos pesquisados têm mais de 35 anos de idade.

A faixa etária de conclusão do curso verificada nos egressos do município de Vitória é bem semelhante à do município de Fortaleza, em que 80% dos egressos possuíam menos de 29 anos de idade (OLIVEIRA, 1995, p. 116)

Essa semelhança não é verificada quando a faixa etária é comparada com a idade dos profissionais que já estão atuando. Verifica-se que 62,15% dos profissionais apresentam idade superior a 35 anos (CFC, 1996, p. 14).

Diante desses números, é possível concluir que está ocorrendo uma renovação no quadro de profissionais, onde pessoas com menor faixa etária têm ingressado na profissão.

Quanto à reprovação nas disciplinas, a Tabela 14 mostra que o índice de aprovação é muito bom. Constatou-se que a maioria, cerca de 53,59%, concluiu o curso sem ficar reprovado em qualquer disciplina, enquanto 29,41% ficaram reprovados entre uma e três disciplinas, 12,42% reprovaram entre quatro e seis disciplinas e 4,58% reprovaram em mais de seis disciplinas.

O bom índice de aprovação corrobora com o fato de a maioria dos egressos ter concluído o curso em menos de cinco anos.

Tabela 14: Índice de reprovação nas disciplinas

SITUAÇÃO	UFES	FCHV	FAESA	MÉDIA
Não reprovou.	48,89%	54,76%	56,06%	53,59%
Reprovou entre uma e três.	35,56%	23,81%	28,79%	29,41%
Reprovou entre quatro e seis.	11,11%	16,67%	10,61%	12,42%
Reprovou em sete ou mais.	4,44%	4,76%	4,55%	4,58%

A pesquisa buscou identificar também a porcentagem dos formados que já haviam concluído outra graduação. Conforme ilustrado na Figura 2, 12% deles. Não foi possível detectar qual graduação concluíram, uma vez que essa pergunta foi aberta e diversas respostas foram apresentadas, muitas delas em áreas correlatas ao do curso pesquisado, como Administração, Economia e Direito. Alguns ainda possuem formação em Filosofia, História, Matemática, dentre outras.

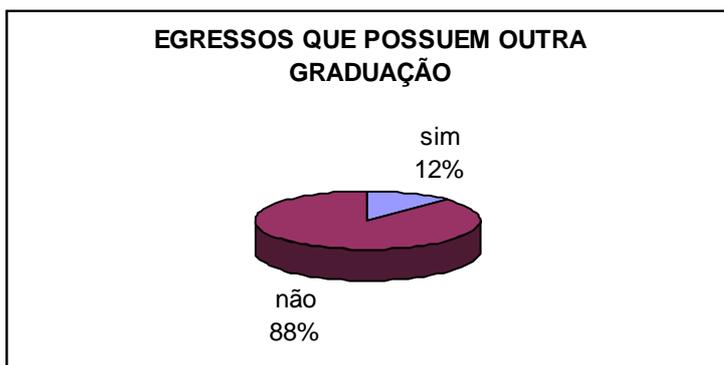


Figura 2: Egressos que concluíram outro curso de graduação

Foi perguntado aos egressos se haviam cursado ou se estavam cursando algum curso de pós-graduação. Os resultados trazidos na Tabela 15 mostram que cerca de 13,73% concluíram ou estavam cursando pós-graduação em nível de especialização em outra área; 9,15% responderam que concluíram ou cursavam pós-graduação em Contabilidade. Verifica-se que 5,22% cursavam mestrado, sendo metade em Contabilidade e outra metade em outra área. Porém, 62,09% responderam que não estão fazendo qualquer curso de pós-graduação.

Tabela 15: Pós-graduação (cursaram/cursam)

CURSO	UFES	FCHV	FAESA	MÉDIA
Especialização em outra área	8,89%	16,67%	15,15%	13,73%
Especialização em Contabilidade	11,11%	7,14%	9,09%	9,15%
Mestrado em Contabilidade	4,44%	2,38%	1,52%	2,61%
Mestrado em outra área	2,22%	2,38%	3,03%	2,61%
Nenhum	68,89%	59,52%	59,09%	62,09%
Não responderam.	100,00%	4,44%	12,12%	9,80%

Foi perguntado também se os egressos pretendiam, nos próximos dois

anos, cursar outro curso de graduação ou algum curso de pós-graduação. Verifica-se, na Tabela 16, que 57,52% se contentaram apenas com a graduação e não pretendem freqüentar outro curso, enquanto 16,99% pretendem cursar pós-graduação em Contabilidade; já 9,8% pretendem cursar pós-graduação em outra área, 7,84% querem cursar outra graduação, 6,54% almejam cursar mestrado e 1,31% pretende cursar doutorado.

Tabela 16: Cursos que pretendem fazer

CURSO	UFES	FCHV	FAESA	MÉDIA
Curso de especialização nesta área	17,78%	14,29%	18,18%	16,99%
Curso de especialização noutra área	6,67%	9,52%	12,12%	9,80%
Outro curso de graduação	6,67%	9,52%	7,58%	7,84%
Curso de mestrado	8,89%	4,76%	6,06%	6,54%
Curso de doutorado	2,22%	0,00%	1,52%	1,31%
Não pretendem	57,78%	61,90%	54,55%	57,52%

Nesse aspecto, merecem destaque a pequena quantidade de egressos que cursam ou pretendem cursar mestrado ou doutorado e o grande número que responderam que não estão cursando e nem pretendem cursar qualquer curso de pós-graduação.

Seria inviável esta pesquisa tentar identificar as razões que levaram os entrevistados a fazerem tal afirmativa. Assim, sugere-se que sejam pesquisados esses motivos em outra oportunidade.

4.2.5 Ocupação durante o curso de graduação

A Tabela 17 mostra que, enquanto faziam o curso de graduação, 82,35% dos pesquisados afirmaram que trabalhavam ou estagiavam. A pesquisa buscou identificar as principais dificuldades vivenciadas por aqueles que estagiaram. Verificou-se que 60% destacaram, como principal dificuldade, a realização de atividades desvinculadas da área da Contabilidade; 20%, no entanto, responderam que os conhecimentos recebidos no curso não eram suficientes para a realização do estágio; já 6,67% responderam que os ensinamentos do curso não condiziam com a realidade empresarial; esse mesmo percentual respondeu que não houve cooperação por parte das pessoas encarregadas pelos estágios; somente 6,67% conseguiram realizar o estágio sem qualquer dificuldade.

Tabela 17: Dificuldades vivenciadas no estágio

DIFICULDADES APRESENTADAS	MÉDIA
Realização de atividades desvinculadas da área da contabilidade	60,00%
Os conhecimentos recebidos no curso eram insuficientes para a realização do estágio	20,00%
Desvinculação dos ensinamentos recebidos no curso da realidade empresarial	6,67%
Falta de cooperação por parte das pessoas encarregadas dos estagiários	6,67%
Não encontrou dificuldades	6,67%

O estágio tem-se desvinculado de sua função de proporcionar ao aluno uma complementação de seus estudos, possibilitando-lhe praticar o que ele tem aprendido na teoria. Muitas empresas têm contratado estagiários como alternativa para reduzir seus custos com mão-de-obra. No curso de Ciências Contábeis, essa

realidade não tem sido diferente, quando se constata que uma significativa parcela dos egressos pesquisados queixa-se de exercer atividades desvinculadas de sua formação.

4.2.6 Ocupação ao final do curso de graduação

Algumas mudanças ocorreram na vida dos egressos, com a conclusão do curso de graduação em Ciências Contábeis. A pesquisa buscou identificar algumas dessas mudanças, cujas informações estão demonstradas na Tabela 18, em que se verifica que 20,92% dos entrevistados tiveram aumento real de salário em seus empregos, o que é natural, uma vez que 14% afirmaram que se matricularam no curso por exigência do empregador, como pode ser verificado na Tabela 14. Outra mudança significativa que ocorreu foi o aproveitamento dos estagiários como empregados. Verifica-se que 20,26% eram estagiários e foram aproveitados, 18,30% ficaram sem ocupação, uma vez que estagiavam e não foram aproveitados, 18,30% eram contratados e foram efetivados. 15,69% foram promovidos, enquanto 6,54% tiveram outro tipo de acontecimento ou nenhum acontecimento ocorreu com a conclusão do curso.

Tabela 18: Principal acontecimento com a conclusão do curso de graduação

ACONTECIMENTO	UFES	FCHV	FAESA	MÉDIA
Tive aumento real de salário.	28,89%	14,29%	19,70%	20,92%
Era estagiário e fui aproveitado.	17,78%	21,43%	21,21%	20,26%
Era estagiário e não fui aproveitado.	13,33%	16,67%	22,73%	18,30%
Era contratado e fui efetivado.	13,33%	26,19%	16,67%	18,30%

Fui promovido.	20,00%	14,29%	13,64%	15,69%
Outros	6,67%	7,14%	6,06%	6,54%

Com a conclusão do curso de graduação, 35% dos pesquisados responderam que não procuraram colocação no mercado de trabalho. 20% conseguiram colocação imediatamente; 16% conseguiram em menos de três meses; 15% levaram até 6 meses; e 14% levaram mais de seis meses para conseguir colocação. A Figura 3 ilustra esses resultados.

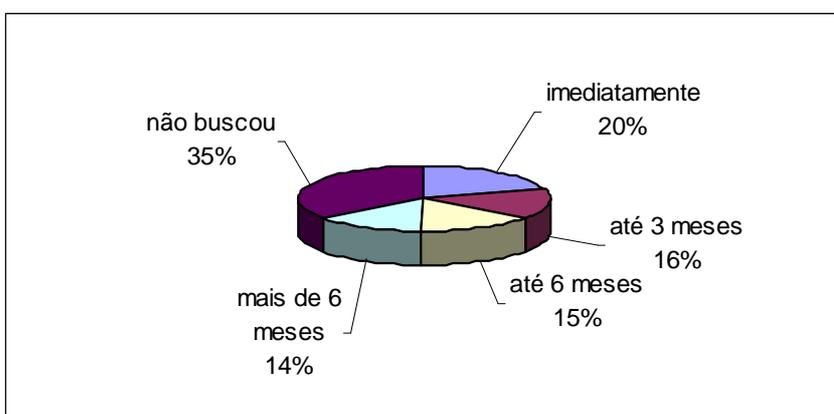


Figura 3: Tempo que levou para se colocar no mercado após conclusão do curso

Esses números revelam as condições favoráveis de emprego para os egressos do curso de Ciências Contábeis. Pode-se observar que, dos alunos que se formaram, 65% buscaram colocação no mercado de trabalho, sendo que 85% deles (51% de 65%) conseguiram-na em menos de seis meses.

Em face da quantidade significativa de egressos que buscaram colocação no mercado de trabalho, é importante salientar as razões que os levaram a ter tal atitude, uma vez que a pesquisa buscou essa informação e a demonstra na Figura 4.

Verifica-se assim que 21% dos egressos que não buscaram colocação no mercado não vislumbravam qualquer possibilidade de consegui-la, por isso nem a tentou. Verifica-se, ainda, que 11% foram trabalhar em empresa da família, 11% preferiram continuar estudando, 9% tornaram-se empresários, a mesma quantidade optou em estudar para concursos, 7% foram exercer outra profissão e 32% apresentaram outras razões, depreendendo-se que boa parte tenha permanecido em seus empregos.

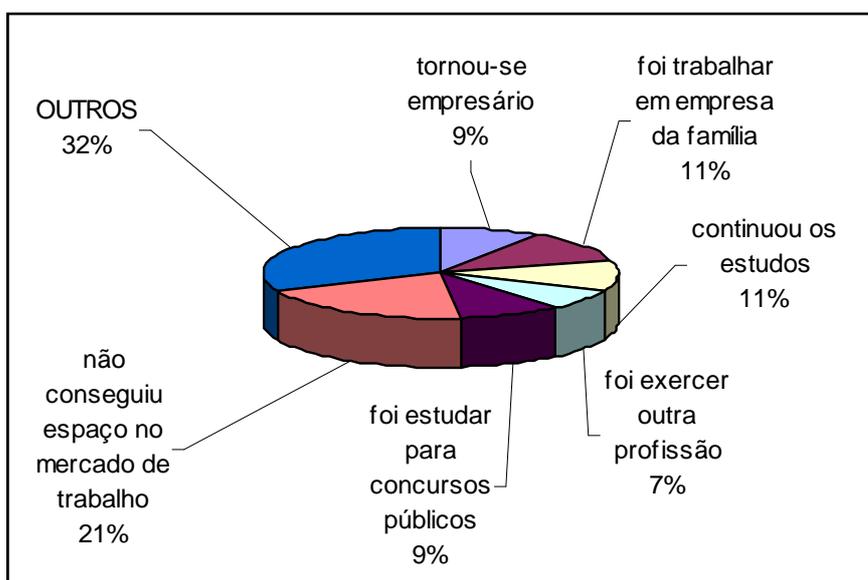


Figura 4: Razões pelas quais não buscou colocação no mercado

Ao serem perguntados quanto ao nível em que se sentiam preparados para ingressar no mercado de trabalho, é possível constatar, na Figura 5, que apenas 26% dos pesquisados se consideraram adequadamente preparados para iniciar suas atividades laborativas e 66% responderam que o curso freqüentado não foi capaz de lhes proporcionar segurança para ingressar no mercado, considerando-se pouco ou mal preparados.

É uma quantidade muito pequena, considerado o tempo de duração do curso e a grade curricular que cada instituição disponibiliza e, ainda, o número de cursos em funcionamento no período pesquisado.

Considerando, ainda, as competências e habilidades que as Diretrizes Curriculares do Curso de Ciências Contábeis estabelecem para o egresso desse curso, conclui-se que os cursos de Ciências Contábeis estão bem distantes de atingir o que está estabelecido nesse documento.

Em pesquisa realizada pelo CFC junto aos contadores que atuam no mercado, foi perguntado sobre o nível de preparação dos recém-formados para ingressarem no mercado de trabalho sem a necessidade de receber treinamento. Isto é, procurou-se saber se esses profissionais estavam aptos a atuar de forma imediata. Apenas 1,48% dos contadores acham que o recém-formado está apto a trabalhar sem receber treinamentos (CFC, 1996, p. 32).



Figura 5: Nível de preparo para ingressar no mercado de trabalho após a formatura

4.2.7 Nível socioeconômico

A seguir são apresentados o tipo de moradia e o nível de renda dos egressos. Mais adiante, apresentam-se outras informações sobre seu nível socioeconômico.

A Figura 6 ilustra as respostas obtidas sobre o tipo de moradia dos egressos pesquisados: 63% afirmaram que moram em imóvel próprio, enquanto 27% moram em imóvel alugado e 10% em imóvel cedido.

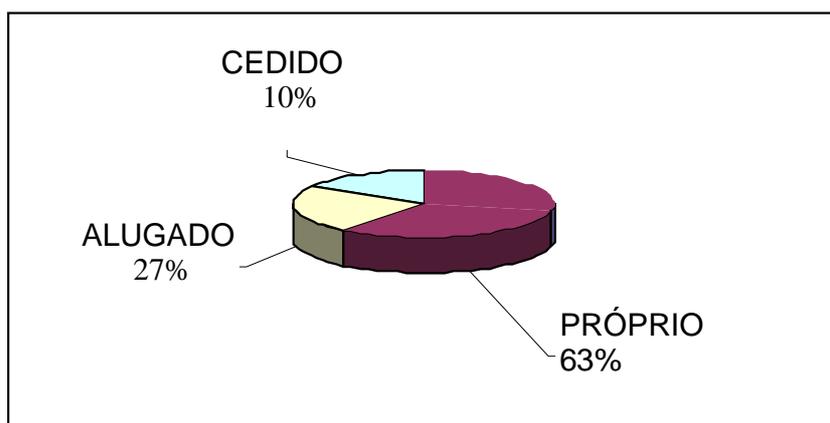


Figura 6: Tipo de moradia dos egressos

Quanto ao nível de renda, a pesquisa verificou que 37% ganham menos de um mil reais por mês. 29% ganham entre um e dois mil reais, 19% ganham entre dois e três mil reais, enquanto 12% responderam que ganham entre três e quatro mil reais e apenas 3% ganham entre quatro e cinco mil reais, sendo que ninguém afirmou que receba mais do que cinco mil reais por mês. A Tabela 19 mostra esses valores.

Tabela 19: Nível de renda mensal

FAIXA SALARIAL (em R\$)	UFES	FCHV	FAESA	MÉDIA
Menos de 1 mil	22%	45%	42%	37%
Entre 1e 2 mil	31%	29%	29%	29%
Entre 2 e 3 mil	27%	17%	15%	19%
Entre 3 e 4 mil	16%	7%	12%	12%
Entre 4 e 5 mil	4%	2%	2%	3%
Mais de 5000	0%	0%	0%	0%

Quando se observa a faixa salarial dos egressos por instituição, é nítida a diferença entre os valores recebidos pelos egressos da UFES e pelos egressos de outras instituições. Observa-se que 47% dos egressos da UFES afirmam ganhar mais de dois mil reais por mês, enquanto somente 29% dos egressos da FAESA e 26% dos egressos da FCHV situam-se nessa faixa salarial.

4.2.8 Ocupação atual

A pesquisa levantou informações sobre a ocupação atual dos egressos. Cabe ressaltar que foram pesquisados os formados entre 1996 e 2000 e o levantamento foi concluído no ano de 2003. Logo, os resultados apresentados a seguir referem-se à situação dos egressos no ano de 2003.

A Figura 7 ilustra os resultados obtidos: 68% trabalham em áreas próprias da profissão. Vale ressaltar que apenas 45% dos egressos se inscreveram no

Conselho Regional de Contabilidade, o que significa que um bom número de profissionais está atuando sem o devido registro nesse Conselho. Apesar de a pesquisa não ter levantado os motivos, infere-se que o Exame de Suficiência, que passou a ser exigido a partir do ano de 2000, seja uma das causas para esse elevado número de profissionais atuando sem registro.

Dos pesquisados, 16% responderam que não estão exercendo atividades na área contábil, 11% não estão trabalhando e 5% não responderam a essa pergunta.



Figura 7: Ocupação atual dos egressos

Quanto à relação de trabalho, a Tabela 20 mostra que cerca de 70% dos pesquisados trabalham como empregados; aproximadamente, 13% são autônomos e 12% são empregadores, enquanto 5% possuem outra relação de trabalho.

Tabela 20: Relação de trabalho na ocupação atual

RELAÇÃO	UFES	FCHV	FAESA	MÉDIA
Empregado	66,67%	74,36%	69,09%	69,92%
Autônomo	17,95%	10,26%	10,91%	12,78%
Empregador	10,26%	12,82%	12,73%	12,03%
Outros	5,13%	2,56%	7,27%	5,26%
Total	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%

Em relação ao tempo em que estão na ocupação atual, a Figura 8 ilustra as respostas obtidas em que se verifica que 29% estão a menos de um ano, 32% entre um e dois anos, 23% de dois a três anos e 16% estão nessa ocupação há mais de três anos.

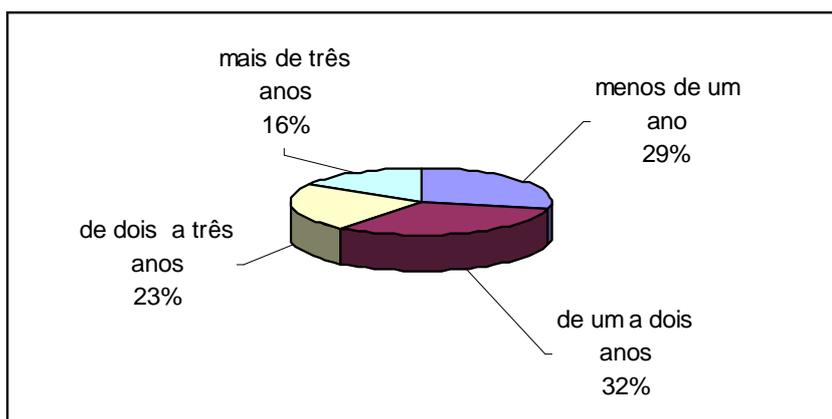


Figura 8: Tempo em que os egressos estão na ocupação atual

A pesquisa procurou identificar a natureza jurídica das empresas que empregam os bacharéis em Ciências Contábeis. Verifica-se, na Figura 9, que a empresa privada nacional é a que mais emprega, integrando 54% desses profissionais. As empresas públicas são responsáveis pela ocupação de 13% deles, enquanto as autarquias ocupam 12% do montante; as empresas

multinacionais, por sua vez, apresentam o percentual de 10%; a seguir, vêm as firmas individuais, com 7%. Quatro por cento se referem a outras empresas.

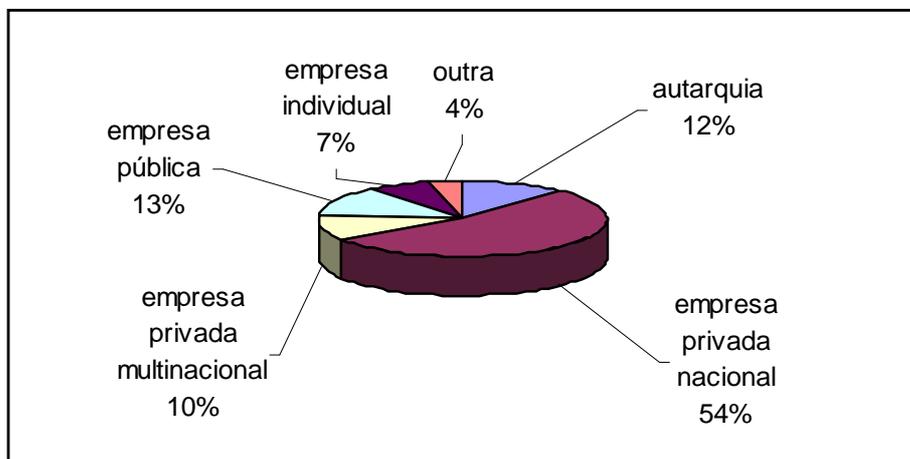


Figura 9: Natureza jurídica das empresas que empregam os egressos

Foi identificado também, na pesquisa, o ramo de atividade das empresas que empregam os bacharéis em Ciências Contábeis. As respostas obtidas estão ilustradas na Figura 10. Verifica-se que as empresas comerciais são as que mais oferecem ocupação na área contábil, sendo responsável por 36% das colocações disponíveis. O ramo de serviços ficou em segundo lugar, ocupando 22%, seguido pela área industrial, com 18%; logo após vem o ramo financeiro, com 8%; e, finalmente, o de informática, com 7%. Nove por cento dos pesquisados trabalham em empresas de outros ramos de atividades que não foram listados.

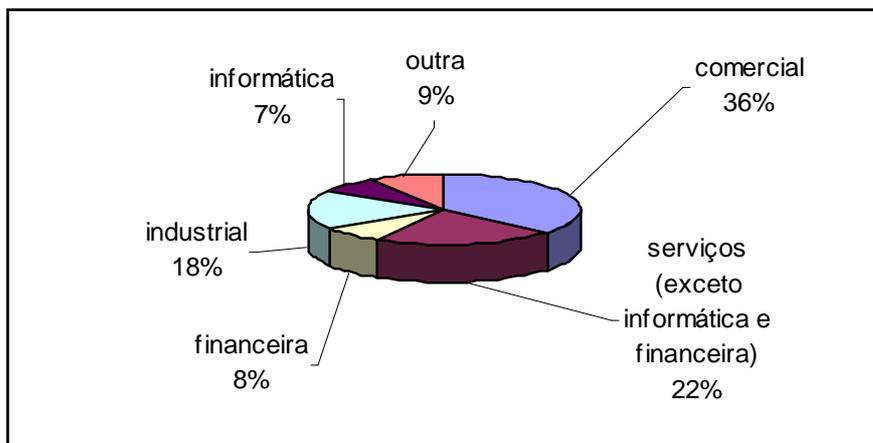


Figura 10: Ramo de atividade das empresas que empregam os egressos

Quanto à jornada diária de trabalho, a Figura 11 mostra que 39% dos egressos trabalham oito horas por dia. 31% trabalham mais de 8 horas diárias, 21% trabalham 6 horas e 9% trabalham 4 horas.

Os egressos do município de Vitória apresentam carga horária diária de trabalho semelhante a dos egressos do município de Fortaleza, onde 73% trabalham no máximo oito horas diárias (OLIVEIRA, 1995, p. 185).

Já os profissionais que atuam há mais tempo cumprem longos expedientes de trabalho. 60,29% dos contadores trabalham mais de oito horas diárias (CFC, 1996, p. 19).

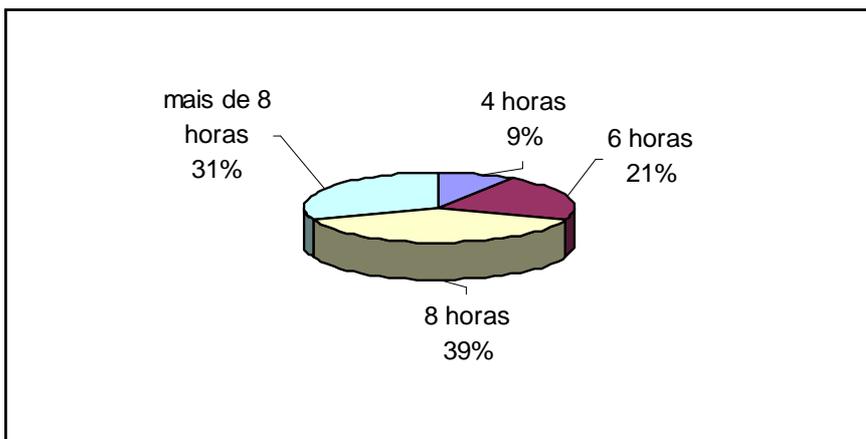


Figura 11: Carga horária média de trabalho diária dos egressos

A pesquisa buscou identificar, também, o grau de satisfação dos egressos com a profissão. Apesar das dificuldades apresentadas, pode-se constatar, na Tabela 21, que 63,40% estão satisfeitos com o ramo de atividade laboral que escolheram.

Tabela 21: Grau de satisfação com a profissão

NÍVEL DE SATISFAÇÃO	UFES	FCHV	FAESA	MÉDIA
Estou muito satisfeito	42,22%	38,10%	34,85%	37,91%
Estou satisfeito	28,89%	26,19%	22,73%	25,49%
Estou pouco satisfeito	22,22%	26,19%	22,73%	23,53%
Não estou satisfeito	6,67%	9,52%	19,70%	13,07%

Apesar do bom nível de satisfação, 37% dos egressos pesquisados responderam que pretendem mudar de profissão, constatando-se que 35% estão insatisfeitos com a remuneração.

Tabela 22: Razões para mudança de profissão

RAZÃO PARA MUDANÇA	UFES	FCHV	FAESA	MÉDIA
A remuneração não é satisfatória	35,71%	33,33%	36,00%	35,02%
Concorrência em excesso	21,43%	22,22%	20,00%	21,22%
Desvalorização desta profissão	14,29%	16,67%	20,00%	16,98%
Outras razões	21,43%	16,67%	12,00%	16,70%
Concorrência desleal	7,14%	11,11%	12,00%	10,08%

Dos egressos que não pretendem mudar de profissão, a pesquisa buscou identificar as razões para tal atitude. Conforme ilustrado pela Figura 12, a maioria respondeu que está plenamente satisfeita com a profissão. Merece destaque o fato de 27,08% não se sentirem atraídos por outra profissão, pois, quando identificadas as razões que os levaram a escolher o curso, apenas 15% afirmaram que o fizeram por vocação.

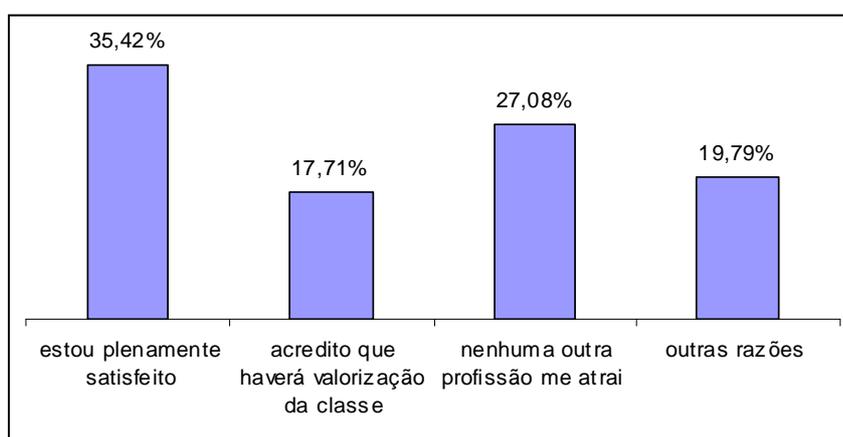


Figura 12: Razões para não mudar de profissão

4.2.9 Avaliação do curso

Num curso de graduação com duração média de quatro anos e meio, como é o curso de Ciências Contábeis, é natural que dificuldades e obstáculos surjam no caminho de seus acadêmicos. Basta comparar a quantidade de alunos que ingressaram com a quantidade de egressos de cada instituição no período pesquisado.

Por esta razão, a pesquisa buscou identificar quais as dificuldades que os egressos pesquisados vivenciaram durante a realização do curso.

A falta de recursos para custear o curso foi a principal dificuldade destacada pelos egressos pesquisados; a Tabela 23 mostra que 13,73% se posicionaram nesse sentido. Esse número é bem expressivo, levando-se em conta que somente os egressos da FCHV e da FAESA escolheram essa opção; na UFES, todavia, o curso é gratuito, razão pela qual nenhum egresso dessa Instituição escolheu essa opção; mesmo assim, ela aparece com maior percentual de escolha.

É importante destacar que o crescimento da quantidade de cursos culminou com uma verdadeira guerra de preços, o que obrigou algumas instituições particulares a reduzir seus valores.

Em segundo lugar, aparece o empregador que impõe dificuldades à realização do curso, opção com 12,42% de percentual. É necessário frisar que o curso de Ciências Contábeis é, predominantemente, noturno. Via de regra, quem o faz busca uma atividade remunerada no período diurno. Isso acarreta pouca

disponibilidade para realizar atividades extraclasse. Assim, há conflito entre a necessidade de cumprir horas extras com o horário dos estudos e, muitas vezes, observa-se a inflexibilidade do empregador em liberar o acadêmico para esse fim.

Outras dificuldades destacadas, com 11,76% cada, foram a falta de estímulo dos professores e a baixa qualidade do curso.

Tabela 23: Dificuldades vivenciadas na realização do curso

DIFICULDADES APRESENTADAS	%
Poucos recursos para custear o curso	13,73%
Dificuldades impostas pelo empregador	12,42%
Professores desestimulantes	11,76%
Baixa qualidade do curso	11,76%
Falta de base no curso de nível médio	9,80%
Dificuldades de aprovação em determinadas disciplinas	9,15%
Falta de tempo para dedicação às disciplinas do curso	8,50%
Dificuldades impostas pela família	8,50%
Não teve qualquer tipo de dificuldade para realização do curso	14,38%

A conclusão do curso de graduação em Ciências Contábeis proporcionou mudanças na vida financeira e profissional de seus egressos. Apresentadas algumas opções, a Tabela 24 mostra que 18,95% assinalaram que o curso lhes ampliou os conhecimentos gerais. Enquanto 15,03% responderam que se sentiram preparados para o mercado de trabalho como um profissional generalista, 9,15% afirmaram que o curso ajudou-lhes a conseguir emprego, transferiu conhecimentos úteis à atividade profissional ou aumentou a criatividade;

e 8,50% acham que o curso contribuiu para que fosse formado um profissional preparado para resolver problemas de uma área específica.

Tabela 24: Principal mudança que o curso proporcionou à vida profissional

MUDANÇAS PROPORCIONADAS	%
Ampliou os conhecimentos gerais.	18,95%
Preparou-me para o mercado de trabalho como um profissional generalista.	15,03%
Ajudou a conseguir emprego.	9,15%
Transferiu conhecimentos úteis à atividade profissional.	9,15%
Aumentou a criatividade.	9,15%
Treinou-me para ser um profissional preparado para resolver os problemas de uma área específica.	8,50%
Possibilitou promoção funcional.	7,84%
Possibilitou maior estabilidade no emprego.	7,84%
Ampliou a capacidade de coordenar grupos de trabalho.	7,19%
Aumentou a capacidade de pensar criticamente.	7,19%

4.2.10 Outras informações sobre os egressos

A pesquisa buscou apurar ainda o hábito de leitura, a preferência por emissoras de TV e a religião dos egressos.

A Figura 13 revela o jornal de preferência da maioria dos entrevistados,

alcançando o jornal *A Gazeta* o primeiro lugar, com 28%. O jornal *A Tribuna* foi escolhido por 17% dos pesquisados e o jornal *Notícia Agora*, por 10%.

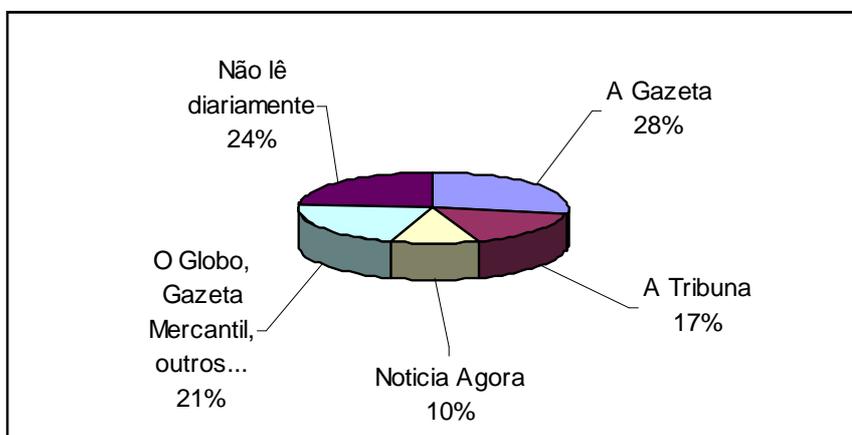


Figura 13: Jornais lidos diariamente pelos egressos

Os jornais *O Globo*, *Gazeta Mercantil* e outros foram escolhidos por 21%, enquanto que 24% afirmaram não ter o hábito de ler jornal diariamente.

A revista mais lida pelos pesquisados foi a semanal *Veja*, com 23% de preferência. 12% lêem a revista *Isto é*, sendo que o mesmo percentual ficou com a revista *Exame*. 22% lêem outras revistas e 20% não têm o hábito de ler revistas periodicamente. A Figura 14 ilustra essas opções.

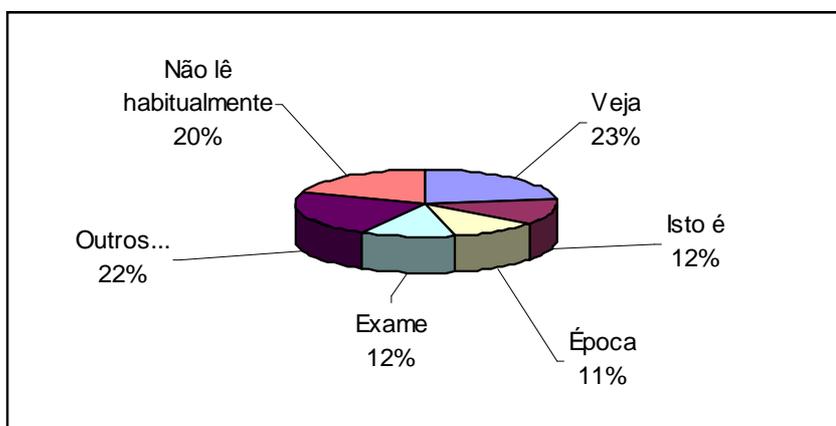


Figura 14: Revistas lidas periodicamente pelos egressos

Quanto à preferência por emissora de TV, a *Globo* foi a emissora preferida dos pesquisados, com 29% de percentual; 13% afirmaram que preferem o *SBT* (Sistema Brasileiro de Televisão). 10%, por sua vez, preferem a *TV Bandeirantes*, enquanto 7% optam pela *TV Educativa* e 31% preferem outras emissoras que não foram listadas, conforme ilustrado na Figura 15.

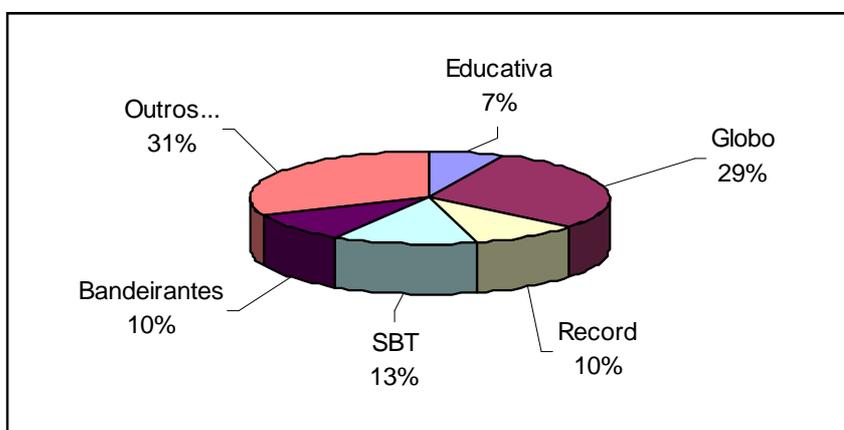


Figura 15: Preferência por emissora de TV dos egressos

A Figura 16 ilustra as respostas obtidas da pergunta em que se busca identificar a religião de que participam os entrevistados. Das opções apresentadas, 49% responderam que participam da religião católica; 18%, da evangélica; 7%, da espírita; e 26% afirmaram que participam de outras religiões que não apareceram como opção.

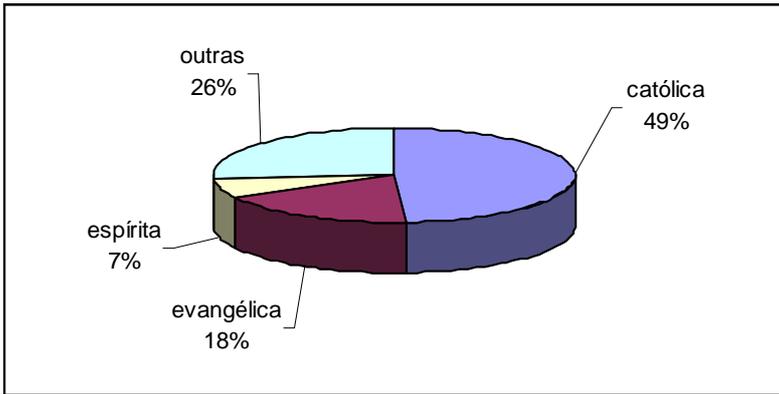


Figura 16: Religião de que os egressos participam

Capítulo 5

5 CONCLUSÃO

O presente trabalho foi elaborado com o intuito de traçar o perfil dos egressos dos cursos de Ciências Contábeis do município de Vitória. Para isso, foi desenvolvida uma pesquisa de campo, sendo enviado um questionário aos egressos dos cursos que graduaram alunos entre os anos de 1996 a 2000.

As três instituições de ensino alvo da pesquisa – UFES, FCHV e FAESA – formaram 1.099 alunos, dos quais 294 foram selecionados de forma pré-sistemática para compor a amostra, que contou com 153 questionários respondidos.

Os dados foram tabulados em planilha eletrônica *Excel*, que, depois de analisados, produziram as conclusões que são compartilhadas nos tópicos a seguir.

Grande parte dos egressos é da religião católica (49%), do sexo masculino (58,17%), solteira (55%), mora em casa própria (63%), não possui registro profissional no CRC (55%) e nem participa de organizações como sindicatos, associações e partidos políticos (77%); 49 % concluíram o curso na faixa etária de 20 a 24 anos.

Estudaram em escola pública 46,41% dos entrevistados durante o ensino fundamental; durante o ensino médio, o percentual cai para 45,10%; 16% possuem o curso Técnico em Contabilidade.

A maioria dos egressos concluiu o curso entre quatro anos e quatro anos e meio e o fez à noite, sem reprovar em qualquer disciplina.

A principal razão pela escolha do curso foi o mercado de trabalho, que possibilita ao formado atuar em várias áreas. Influenciou também na escolha a possibilidade de trabalhar durante o curso. A vocação ficou em terceiro lugar.

Cerca de 12% já possuíam outro curso de graduação e mais de 20% concluíram ou estavam cursando pós-graduação em nível de especialização.

É curiosa a relação dos egressos com a educação continuada. Mais da metade deles afirmou que não pensava em voltar a estudar, pelo menos nos dois anos seguintes. Esse fato é preocupante, pois persistindo essa tendência, emperra-se o avanço de pesquisas científicas e, conseqüentemente, a valorização da profissão.

Enquanto estudavam, mais de 80% trabalhavam ou estagiavam. Com esse resultado, o estágio precisa ser reformulado, pois 60% dos que estagiavam afirmaram que realizavam atividades desvinculadas da área contábil, não contribuindo em nada para sua formação.

Com a conclusão da graduação, algumas mudanças importantes aconteceram: a maioria teve aumento real de salário, outra parcela dos profissionais foi promovida, aproveitada do estágio ou efetivada do contrato.

Ao concluir a graduação, alguns procuraram colocação no mercado de trabalho, tendo mais da metade conseguido a inserção em menos de seis meses.

Destes, mais de 60% informaram que o curso não lhes proporcionou segurança, pois se sentiram pouco ou mal preparados para ingressar na atividade laboral, o que pode estar vinculado à deficiência verificada no estágio.

Boa parte deles, cerca de 37%, recebe menos de um mil reais por mês, enquanto aproximadamente 40% estavam na faixa entre um e três mil reais.

A maioria dos egressos trabalha empregada em empresa privada nacional no ramo comercial, com jornada de trabalho de oito horas diárias e cerca de 45% estavam na mesma ocupação há mais de dois anos, enquanto aproximadamente 30% estavam há menos de um ano.

Os principais fatores que dificultaram a realização do curso foram a escassez de recursos financeiros e as dificuldades impostas pelo empregador, enquanto as principais mudanças que o curso lhes proporcionou foram a ampliação dos conhecimentos gerais e a preparação para o mercado de trabalho como um profissional generalista.

A maioria preferiu a *Rede Globo* como emissora de TV. Mais de 70% afirmaram que lêem diariamente um jornal local, sendo *A Gazeta* o mais lido. Oitenta por cento lêem revistas periodicamente; destes a maioria preferiu a *Veja*.

Percebeu-se que a maioria dos problemas do ensino contábil abordada na literatura está presente no cotidiano dos cursos pesquisados.

Em boa parte das variáveis pesquisadas, perceberam-se condições mais favoráveis dos egressos da UFES em relação aos egressos de outras instituições.

Vê-se a necessidade imediata das IES que oferecem o curso de Ciências Contábeis adaptarem suas grades curriculares à necessidade do mercado, visando formar profissionais aptos e seguros para ingressarem no campo profissional.

O cliente da IES é o mercado e não o aluno. É preciso formar contadores aptos a atuarem num mercado competitivo, globalizado e com necessidades específicas. Há excesso de cursos em funcionamento e nem sempre a qualidade tem sido priorizada. O mercado não está buscando uma elevada quantidade de profissionais desqualificados e sim uma menor quantidade de profissionais com uma qualificação elevada.

É natural que a segurança profissional venha com a experiência e a experiência com a prática. Sendo assim, os cursos precisam deixar de formar profissionais inseguros e mal preparados para ingressar no mercado. Uma boa oportunidade de proporcionar uma experiência prática, que vem sendo desperdiçada, é o estágio, que precisa tornar-se obrigatório e deixar de ser uma mão-de-obra barata para as empresas. As IES devem monitorar a realização dos estágios, de forma que eles realmente contribuam para uma melhor formação do aluno.

Além da adaptação da grade curricular e da obrigatoriedade do estágio, vão, a seguir, algumas sugestões para melhoria do ensino contábil e valorização profissional.

Deve ser feito um esforço para conscientizar os profissionais e os alunos, ainda na graduação, no sentido de que apenas o curso de graduação deixou de ser formação suficiente para tornar-se um bom profissional. Especialização, mestrado, doutorado devem estar nos planos dos futuros profissionais como requisitos primordiais. Obviamente, os professores devem ser os primeiros a passarem por esse processo de conscientização, uma vez que, muitos deles, ainda não se deram conta dessa necessidade. Talvez, o CFC, por meio dos CRCs, desenvolva bem esse papel.

O CFC precisa viabilizar a implementação de uma medida já discutida de aplicar o chamado “Exame de Competência”, que consiste na avaliação dos profissionais antigos, que não passaram pelo Exame de Suficiência, e exigir que todos os profissionais comprovem que estão comprometidos com a educação continuada.

Uma sugestão de pesquisa futura é traçar o perfil dos egressos que não estão exercendo a profissão e compará-lo com o perfil dos que a exercem, pesquisando também os docentes que certamente são ricas fontes de informações.

Finalmente, espera-se que esta pesquisa sirva como elemento para subsidiar uma discussão em torno da qualidade do ensino contábil ainda sirva de estímulo para futuras pesquisas desta natureza.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 9.131, de 24 de novembro de 1995. Altera dispositivos da Lei nº 4.024/96 que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, 25 nov. 1995. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/>>. Acesso em: 15 maio 2004.

_____. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, 23 dez. 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Acesso em: 15 maio 2004.

_____. Lei nº 10.861, de 14 de abril de 2004. Institui o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior – SINAES e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 15 abr. 2004. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2004/Lei/L10.861.htm>. Acesso em: 20 jul. 2004.

_____. Decreto-lei n.º 20.158, de 20 de junho de 1931. Organiza o ensino comercial, regulamenta a profissão de contador e dá outras providências. **Diário Oficial**, Rio de Janeiro, 9 jul. 1931.

_____. Decreto n.º 7.988, de 22 de setembro de 1945. Dispõe sobre o ensino superior de Ciências Econômicas e de Ciências Contábeis e Atuariais. **Diário Oficial**, Rio de Janeiro, 26 set. 1945.

_____. Decreto n.º 9.245, de 27 de maio de 1946. Cria o Conselho Federal de Contabilidade, define as atribuições do contador e do técnico em Contabilidade e dá outras providências. **Diário Oficial**, Rio de Janeiro, 28 mai. 1946.

_____. Resolução nº 3, de 5 de Outubro de 1992. Conselho Federal de Educação – Ministério da Educação. *Diário Oficial da União de 20.10.1992*. Seção I, p. 14721.

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO (Brasil). Parecer nº CES/CNE/0146 de 3 de abril de 2002. Dispõe sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos de graduação em Direito, Ciências Econômicas, Administração, Ciências Contábeis, Turismo, Hotelaria, Secretariado Executivo, Música, Dança, Teatro e Design. **Diário Oficial da União**, Brasília, 13 maio 2002. Seção 1. Disponível em: <<http://www.mec.gov.br/Sesu/diretriz.shtm#diretrizes>>. Acesso em: 13 maio 2004.

CERVO, A. L. BERVIAN, P. A. **Metodologia científica**. 4. ed. São Paulo: Makron, 1996.

CFC implanta novos cursos de mestrado em Contabilidade. **Jornal do CFC**, Brasília, p. 4, maio 2002.

_____. Disponível em: <http://www.cfc.org.br/qtos_somos.htm>. Acesso em: 30 jul., 2001.

_____. **O Perfil do Contabilista Brasileiro**. Brasília, CFC, 1996.

_____. (Brasil). Resolução nº 853, de 28 de julho de 1999. **Diário Oficial da União**, Brasília, 29 out. 1999.

FCHV - FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS DE VITÓRIA. **Ensino Superior**. Disponível em: <<http://www.humanas.br/site/ensinosuperior/contabeis.html>>. Acesso em: 29 dez. 2003.

DUTRA, José O. Neto; MARINO, João Júnior; MORAIS, Leonardo T. Os cursos de Ciências Contábeis no Brasil e o Conteúdo das Disciplinas de Sistemas de Informação: A Visão Acadêmica versus a Necessidade Prática. **Revista Contabilidade & Finanças**, Vitória, Ano XII, nº 27, p. 59-65, 2001.

FONSECA, Jairo S.; MARTINS, Gilberto A. **Curso de Estatística**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

HENDRIKSEN, Eldon S.; VAN BREDA, Michael F. **Teoria da Contabilidade**. Tradução de Antônio Zoratto Sanvicente. São Paulo: Atlas, 1999.

IUDICIBUS, Sérgio de. **Teoria da Contabilidade**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2000.

INEP – INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. Disponível em <http://www.educacaosuperior.inep.gov.br/funcional/lista_cursos.asp>. Acesso em: 10 set. 2004.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Técnicas de Pesquisa**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARION, José Carlos. **Contabilidade Empresarial**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 1998.

MILONE, Giuseppe; ANGELINI, Flávio. **Estatística geral**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1993.

NOSSA, Valcemiro. **Ensino da Contabilidade no Brasil: uma análise crítica da formação do corpo docente**. Dissertação (Mestrado em Controladoria e Contabilidade). USP, São Paulo, 1999. 158 p.

OLIVEIRA, Marcelle Colares. **A formação e a inserção no mercado de trabalho dos bacharéis em Ciências Contábeis graduados no município de Fortaleza**. Dissertação (Mestrado em Controladoria e Contabilidade). São Paulo: FEA-USP, 1995. 253 p.

OLIVEIRA, Antonio B.S. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Contabilidade**. São Paulo: Saraiva, 2003.

QUEIROGA, Andrezza. Obrigatoriedade ainda divide. **Tribuna do Direito**. São Paulo, maio 2004. Disponível em: < <http://www.tribunadodireito.com.br/2004/maio/Exame.html>>. Acesso em: 20 jul. 2004.

ROBLES JUNIOR, Antônio; MARION, José Carlos. Conselho Regional de Contabilidade, Revista do Conselho Regional de Contabilidade do Estado de São Paulo. **A busca da qualidade no ensino superior de Contabilidade no Brasil**. São Paulo: Julho, ano I, nº 5, p. 38-45. 1998.

SALLES, Anderson F. **O perfil dos egressos do curso superior de ciências contábeis**: Uma análise dos profissionais graduados na UFES e FAESA. 2001. Monografia do curso de especialização em Contabilidade Gerencial – Universidade Federal do Espírito Santo.

SCHMIDT, Paulo. **História do pensamento contábil**. Porto Alegre: Bookman, 2000.

STEVENSON, William J.. **Estatística aplicada à administração**. Tradução de Alfredo Alves de Faria. São Paulo: Harbra, 1981.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO. Biblioteca Central. **Guia para normalização de referências**: NBR 6023/2000. Vitória, 2001.

_____. Biblioteca Central. **Normalização e apresentação de trabalhos científicos e acadêmicos**: guia para alunos, professores e pesquisadores da UFES. Vitória, 2001.

_____. **Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas**. Disponível em: <http://www.ccje.ufes.br/05cg_graduccont.asp#>. Acesso em: 29 dez. 2003.

VARELLA, Márcio; SOARES, José. Exame Nacional de Cursos vai avaliar mais de 400 cursos a partir de 2002. **Revista Brasileira de Contabilidade**, Brasília, ano XXX, n. 131, 2001.

APÊNDICES

APÊNDICE A — Quantidade de técnicos e contadores registrados no Conselho Regional de Contabilidade do Estado do Espírito Santo.

ANO	TÉCNICOS (QUANTIDADE)	CONTADORES (QUANTIDADE)	TOTAL (QUANTIDADE)	TÉCNICOS (%)	CONTADORES (%)
1995	3772	2409	6181	61,03	38,97
1996	3386	2225	5611	60,35	39,65
1997	3451	2251	5702	60,52	39,48
1998	3787	2795	6582	57,54	42,46
1999	3822	3214	7036	54,32	45,68
2000	3703	3086	6789	54,54	45,46

Fonte: Adaptada do Conselho Federal de Contabilidade, 2001.

APÊNDICE B — Cursos de Ciências Contábeis no estado do Espírito Santo

NOME DA INSTITUIÇÃO		SIGLA DA INSTITUIÇÃO	CIDADE	INÍCIO DO CURSO
1.	UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO	UFES	VITÓRIA	1965
2.	FACULDADES INTEGRADAS CASTELO BRANCO	FICAB	COLATINA	1970
3.	FACULDADE DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS E ADMINISTRATIVAS DE CACHOEIRO DO ITAPEMIRIM	FACCACI	CACHOEIRO DE ITAPEMIRIM	1974
4.	CENTRO UNIVERSITÁRIO VILA VELHA	UVV	VILA VELHA	1976
5.	FACULDADE DE CIÊNCIAS APLICADAS SAGRADO CORAÇÃO	UNILINHARES	LINHARES	1988
6.	FACULDADES INTEGRADAS ESPÍRITO-SANTENSES	FAESA	VITÓRIA	1989
7.	FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS DE VITÓRIA	FCHV	VITÓRIA	1990
8.	FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS DE ARACRUZ -	FACHA	ARACRUZ	1990
9.	FACULDADE VITORIANA DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS	FAVI	VITÓRIA	1995
10	FACULDADE DE ESTUDOS SOCIAIS APLICADOS DE VIANA	FESAV	VIANA	1996
11	CENTRO UNIVERSITÁRIO DO ESPÍRITO SANTO	UNESC	SERRA	1999
12	CENTRO UNIVERSITÁRIO DO ESPÍRITO SANTO	UNESC	COLATINA	1999
13	FACULDADE CAPIXABA DE NOVA VENÉCIA	UNIVEN	NOVA	1999

			VENÉCIA	
14	FACULDADE BRASILEIRA	UNIVIX	VITÓRIA	1999
15	FACULDADE CÂNDIDO MENDES DE VITÓRIA	FCMV	VITÓRIA	2000
16	FACULDADE DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS DE AFONSO CLÁUDIO	ISEAC	AFONSO CLAUDIO	2000
17	FACULDADES INTEGRADAS PADRE ANCHIETA DE GUARAPARI	FIPAG	GUARAPARI	2000
18	FACULDADE VALE DO CRICARÉ	F.V.C.	SÃO MATEUS	2000
19	FACULDADE DE CARIACICA	UNIEST	CARIACICA	2001
20	FACULDADE DE ESTUDOS SOCIAIS DO ESPÍRITO SANTO	PIO XII	CARIACICA	2001
21	INSTITUTO DE ENSINO SUPERIOR BLAURO CARDOSO DE MATTOS	FASSERRA	SERRA	2001
22	INSTITUTO VITÓRIA DE ENSINO E CULTURA	IVEC	VITÓRIA	2002

23	FACULDADE DE CIÊNCIAS GERENCIAIS DE IÚNA	DOCTUM IÚNA	IUNA	2003
24	FACULDADE FUCAPE	FUCAPE	VITORIA	2004

Fonte: MEC/INEP

APÊNDICE C — Evolução da quantidade de cursos de Ciências Contábeis no estado do Espírito Santo

ANO	QUANTIDADE DE CURSOS EM FUNCIONAMENTO
1970	2
1975	3
1980	4
1985	4
1990	8
1995	10
1999	11
2002	21
2004	24

APÊNDICE D: Modelo de correspondência enviada às instituições de ensino

Vitória, ES, 24 de setembro de 2002.

À

xxxxxxx

Sr. Diretor, coordenador.....

Referente: Pesquisa para elaboração de Dissertação do I Curso de Pós-Graduação "Strictu Sensu", Mestrado Profissionalizante em Contabilidade e Finanças.

O trabalho de Dissertação do mestrando Elcy Militão da Silva, da primeira turma de Pós-Graduação "Strictu Sensu", Mestrado Profissionalizante em Contabilidade e Finanças da FUCAPE, visa realizar um estudo sobre os alunos graduados no curso de Ciências Contábeis do município de Vitória – ES, com o objetivo de traçar o perfil dos egressos desses cursos.

Assim, solicitamos a essa instituição a relação dos alunos graduados no curso de Ciências Contábeis no período de 1996 a 2000, contendo o nome, o endereço e o telefone do aluno.

Solicitamos ainda o fornecimento da grade curricular do curso neste período.

Certos de sua valiosa contribuição para o desenvolvimento desta pesquisa, agradecemos.

Atenciosamente,

Elcy Militão da Silva
mestrando

Prof. Dr. Antônio Donizetti Sgarbi
Orientador

APÊNDICE E: Modelo de correspondência enviada aos egressos



Vitória, 20 de novembro de 2002.

Caro (a) colega,

Eu, Elcy Militão da Silva, mestrando em Contabilidade, e o Professor Dr. Antônio Donizetti Sgarbi, como orientador da pesquisa para dissertação, solicitamos seu empenho no sentido de responder ao questionário que segue em anexo, que subsidiará uma pesquisa cujo tema é o perfil dos egressos dos cursos de Ciências Contábeis do Município de Vitória.

Solicitamos sua atenção e seu tempo (aproximadamente 25 minutos) para o preenchimento do questionário que estamos lhe enviando, o qual aborda aspectos de sua formação básica e acadêmica, nível socioeconômico, ocupação durante e ao final do curso de graduação, avaliação do curso e, finalmente, sua opinião sobre a formação do contador.

Os dados fornecidos são confidenciais e serão tratados somente de forma agregada, para elaboração de um trabalho visando ao aprimoramento do ensino superior de Ciências Contábeis no município de Vitória.

Aguardamos sua resposta.

Qualquer dúvida sobre o preenchimento do questionário, favor entrar em contato com Elcy Militão da Silva. Telefones: 3071-0187 ou 3332-4474 e e-mail: professorelcy@uol.com.br.

Antecipadamente gratos, subscrevemo-nos.

Atenciosamente,

Elcy Militão da Silva – mestrando

Prof. Dr. Antônio Donizetti Sgarbi – orientador